

**Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Diretoria de Pesquisas
Coordenação de População e Indicadores Sociais**

**Textos para discussão
Diretoria de Pesquisas
Número 27**

**Características da fecundidade e da mortalidade segundo a
condição migratória das mulheres, com base no quesito de “data
fixa”**

**Fernando Roberto Pires de Carvalho e Albuquerque
Isabel Cristina Maria da Costa
Antonio Roberto Pereira Garcez**

Rio de Janeiro

2007

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

ISSN 1518-675X **Textos para discussão. Diretoria de Pesquisas**

Divulga estudos e outros trabalhos técnicos desenvolvidos pelo IBGE ou em conjunto com outras instituições, bem como resultantes de consultorias técnicas e traduções consideradas relevantes para disseminação pelo Instituto. A série está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.

ISBN 978-85-240-3998-0

© IBGE. 2007

Impressão

Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI/IBGE, em 2007.

Capa

Gerência de Criação/CDDI

Albuquerque, Fernando Roberto Pires de C. e

Características da fecundidade e da mortalidade segundo a condição migratória das mulheres, com base no quesito de "data fixa" / Fernando Roberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Isabel Cristina Maria da Costa, Antonio Roberto Pereira Garcez. - Rio de Janeiro : IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007.

p. - (Textos para discussão. Diretoria de Pesquisas, ISSN 1518-675X ; n. 27)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-240-3998-0

1. Mulheres migrantes – Brasil. 2. Fecundidade humana – Brasil. 3. Mortalidade – Brasil. I. Costa, Isabel Cristina Maria da. II. Garcez, Antonio Roberto Pereira. III. IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. IV. Título. V. Série.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais CDU 314.7-055.2(81)
RJ/IBGE/2007-37 DEM

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Sumário

Apresentação.....	5
Modelo contínuo para representar a evolução da população no tempo.....	8
Os níveis e padrões de fecundidade segundo a condição migratória da mulher.....	9
O cenário dos níveis de fecundidade em 1991.....	9
O cenário dos níveis de fecundidade em 2000.....	16
O padrão de fecundidade e a idade média da fecundidade.....	20
Os níveis de mortalidade segundo a condição migratória da mulher.....	22
Conclusões.....	25
Bibliografia	27
Anexos.....	28

Apresentação

O presente texto se insere nas atividades de avaliação e análise da dinâmica demográfica brasileira realizadas no âmbito da Coordenação de População e Indicadores Sociais (COPIS) da Diretoria de Pesquisa do IBGE. Trata-se do estudo dos diferenciais regionais dos níveis de fecundidade e de mortalidade segundo a mulher seja ou não uma migrante de “data fixa”, com base nas informações provenientes dos Censos Demográficos de 1991 e 2000. Estes diferenciais podem afetar o volume da população em áreas de grande atração populacional.

Com esta publicação o IBGE dá continuidade a sua linha de estudos e análises sobre a evolução e comportamento atual das componentes demográficas brasileiras.

Luiz Antonio Pinto Oliveira

Coordenador da Coordenação de População e Indicadores Sociais

Características da fecundidade e da mortalidade segundo a condição migratória das mulheres, com base no quesito de “data fixa”*

Fernando Roberto Pires de Carvalho e Albuquerque*
Isabel Cristina Maria da Costa*
Antonio Roberto Pereira Garcez*

Palavras-chave: Censos; Migração; Fecundidade; Mortalidade.

Resumo

No Censo Demográfico 1991 foi incluído o quesito de data fixa, que pesquisava “lugar de residência anterior há exatamente cinco anos antes da data de referência da pesquisa” este quesito esteve presente na Contagem da População 1996 e no Censo 2000, informação imprescindível para a realização de uma projeção de população por sexo e grupos de idade, pelo método das componentes. Com base nesta informação o presente trabalho se propõe a estudar os diferenciais de fecundidade e de mortalidade segundo a condição migratória da população feminina, considerando-se como migrante uma mulher que cinco anos antes das datas de referência dos Censos de 1991 e 2000 residiam em Unidades da Federação diferentes das que foram recenseadas, respectivamente. Este trabalho é parte de um projeto maior desenvolvido no âmbito da Coordenação de População e Indicadores Sociais (COPIS) na Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica (GEADD) sobre algumas características dos migrantes de data fixa.

* Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional sobre Migrações.

* Gerente do Projeto Componentes da Dinâmica Demográfica (IBGE/DPE/COPIS/GEADD/DEMOG).

* Mestre em Estudos Populacionais e Demografia pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

* Analista do Projeto Componentes da Dinâmica Demográfica (IBGE/DPE/COPIS/GEADD/DEMOG).

Modelo contínuo para representar a evolução da população no tempo

Um dos modelos matemático para representar a evolução da população através do tempo parte da equação diferencial:

$$r(t) = \frac{1}{N(t)} * \frac{\partial N(t)}{\partial t} \quad (1)$$

Onde:

$r(t)$ – Taxa instantânea de variação no instante t .

$N(t)$ – População no instante t .

Equação que integrada no período (t_0, t) fornece a seguinte expressão para o volume de população em um instante t qualquer:

$$N(t) = N(t_0) * e^{\int_{t_0}^t r(z) dz}$$

Ou, fazendo-se $t_0=0$ teremos:

$$N(t) = N(0) * e^{\int_0^t r(z) dz}$$

Onde:

$N(0)$ – população no instante inicial.

Fazendo-se:

$$\int_0^t r(z) dz = \psi(t)$$

Logo:

$$N(t) = N(0) * e^{\psi(t)}$$

Onde:

$\psi(t)$ é a função de variação, que representa o comportamento da taxa de variação durante o período 0 a t .

- $e^{\psi(t)}$ é o fator de variação durante o período 0 a t .

Neste caso, a taxa instantânea de variação ($r(t)$) traz consigo o efeito de quatro intensidades (taxas); natalidade $n(t)$, mortalidade $m(t)$, imigração $i(t)$ e emigração $e(t)$, que compõem as duas componentes do crescimento:

a) Componente Vegetativa, $r_v(t)$;
 $r_v(t) = n(t) - m(t)$

b) Componente Migratória, $r_m(t)$;
 $r_m(t) = i(t) - e(t)$

Neste caso, a equação (1) se transformará em:

$$\frac{1}{N(t)} \frac{\partial N(t)}{\partial t} = r_v(t) + r_m(t) \quad (2)$$

integrando ambos os membros de 0 a t, obteremos a seguinte expressão do volume populacional em um instante t qualquer:

$$N(t) = N(0) * e^{\int_0^t r_v(z) dz + \int_0^t r_m(z) dz}$$

Fazendo-se:

$$\int_0^t r_v(z) dz = \psi_v(t) \quad e \quad \int_0^t r_m(z) dz = \psi_m(t)$$

Teremos:

$$N(t) = N(0) e^{\psi_v(t)} e^{\psi_m(t)}$$

onde:

$\Psi_v(t)$ – função que representa o comportamento da taxa de variação vegetativa durante o período 0 a t.

$\Psi_m(t)$ – função que representa o comportamento da taxa de variação migratória durante o período 0 a t.

Normalmente as intensidades de natalidade e mortalidade que compõem a componente vegetativa são obtidas com base na população total observadas na população inicial. Só que a partir do instante inicial, quando começam a ser contabilizados os nascimentos e óbitos provenientes dos migrantes, esses serão incorporados ao crescimento vegetativo da população que estava presente no instante inicial. Ou seja, assume-se a hipótese que não existam diferenças entre o comportamento dos níveis de fecundidade e de mortalidade segundo os indivíduos sejam ou não migrantes. Logo, a componente vegetativa ($\Psi_v(t)$) poderia ser desagregada em duas: uma parte representaria o variação vegetativa proveniente dos não migrantes e outra proveniente dos migrantes.

No presente estudo, o foco será as mulheres. Serão consideradas migrantes todas as mulheres que cinco anos antes da data de referência da pesquisa residiam em Unidades da Federação diferentes das que foram recenseadas e, não migrantes as demais.

Os níveis e padrões de fecundidade segundo a condição migratória da mulher.

O cenário dos níveis de fecundidade em 1991.

Deve-se ter em mente que os níveis e padrões de fecundidade obtidos das mulheres migrantes “data fixa” não levam em conta a naturalidade da mulher. Isto quer dizer que uma mulher natural de uma determinada região, pode ser considerada migrante, se cinco anos estava em uma outra região diferente da que foi recenseada mas, que voltou a localidade de nascimento. Da mesma forma, uma mulher que migrou para a região em estudo há mais de cinco anos será considerada como não migrante.

Em 1991, observou-se 15 Unidades da Federação onde a fecundidade das mulheres migrantes era menor do que as não migrantes. São elas, Rondônia (5,2%), Amazonas (22,2%), Roraima (32,0%), Pará (9,5%), Amapá (18,6%), Tocantins (5,7%), Maranhão (17,5%), Ceará

(2,5%), Rio G. do Norte (12,7%), Paraíba (15,2%), Pernambuco (7,3%), Alagoas (20,4%), Sergipe (19,5%), Bahia (13,6%) e Paraná (3,0%)(Tabela 1).

Tabela 1 - Taxa de Fecundidade Total das mulheres migrantes⁽¹⁾ e não migrantes⁽²⁾ segundo a Unidade da Federação de residência anterior (Migração de Data Fixa - 1991 e 2000)

Unidades da Federação	TFT 1991		Δ%	TFT Total	TFT 2000		Δ%	TFT Total	Δ TFT (1991/2000) %	
	Migrantes	Não migrantes			Migrantes	Não migrantes			Migrantes	Não migrantes
Rondônia	3.42	3.61	-5.2	3.48	2.75	2.71	1.5	2.73	-19.5	-24.9
Acre	5.68	4.89	16.2	4.90	2.89	3.44	-16.2	3.43	-49.2	-29.6
Amazonas	3.53	4.55	-22.2	4.47	2.91	3.46	-15.8	3.40	-17.6	-23.8
Roraima	4.01	5.90	-32.0	5.60	2.91	3.29	-11.8	3.20	-27.6	-44.2
Pará	3.85	4.26	-9.5	4.19	2.90	3.17	-8.7	3.16	-24.8	-25.5
Amapá	3.94	4.84	-18.6	4.73	3.61	3.60	0.1	3.60	-8.5	-25.5
Tocantins	3.85	4.08	-5.7	3.86	2.81	2.95	-4.6	2.93	-26.9	-27.8
Maranhão	3.91	4.74	-17.5	4.64	3.15	3.21	-2.0	3.21	-19.4	-32.2
Piauí	4.18	3.79	10.3	3.79	2.68	2.66	0.8	2.66	-35.9	-29.9
Ceará	3.66	3.75	-2.5	3.73	2.52	2.85	-11.6	2.84	-31.1	-24.0
Rio G. do Norte	2.96	3.39	-12.7	3.36	2.46	2.54	-3.1	2.54	-16.9	-25.1
Paraíba	3.22	3.80	-15.2	3.73	2.92	2.52	16.2	2.53	-9.2	-33.8
Pernambuco	3.08	3.32	-7.3	3.32	2.68	2.48	8.3	2.48	-12.9	-25.5
Alagoas	3.32	4.17	-20.4	4.04	3.30	3.13	5.2	3.14	-0.7	-24.9
Sergipe	2.97	3.69	-19.5	3.58	2.70	2.76	-2.1	2.75	-9.1	-25.3
Bahia	3.15	3.65	-13.6	3.61	2.83	2.49	13.8	2.50	-10.2	-31.8
Minas Gerais	2.86	2.67	7.1	2.67	2.50	2.21	13.3	2.22	-12.7	-17.4
Espírito Santo	3.04	2.76	10.1	2.76	2.31	2.15	7.2	2.16	-24.2	-22.1
Rio de Janeiro	2.47	2.07	19.2	2.10	2.24	2.07	8.2	2.07	-9.2	0.1
São Paulo	2.75	2.30	19.3	2.28	2.42	2.06	17.7	2.05	-11.9	-10.7
Paraná	2.56	2.64	-3.0	2.61	2.37	2.30	2.9	2.31	-7.6	-12.9
Santa Catarina	2.72	2.57	6.2	2.57	2.26	2.22	1.6	2.22	-17.1	-13.3
Rio Grande do Sul	2.71	2.38	13.9	2.39	2.12	2.17	-2.4	2.17	-21.9	-8.9
Mato G.do Sul	3.09	2.94	5.1	2.94	2.57	2.42	6.1	2.40	-17.0	-17.7
Mato Grosso	3.17	3.14	0.8	3.15	2.61	2.49	4.6	2.51	-17.7	-20.6
Goiás	3.28	2.49	31.6	2.50	2.79	2.20	26.7	2.24	-15.0	-11.7
Distrito Federal	2.41	2.40	0.3	2.37	1.87	2.01	-7.3	1.96	-22.6	-16.3

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991 e 2000.

Nota: (1) Foram consideradas migrantes aquelas mulheres que há 5 anos antes da pesquisa estavam em outra Unidade da Federação ou país estrangeiro (Migração de DATA FIXA).

(2) Foram consideradas não migrantes aquelas mulheres que há 5 anos antes da pesquisa estavam na mesma Unidade da Federação em que foram entrevistadas (Migração de DATA FIXA).

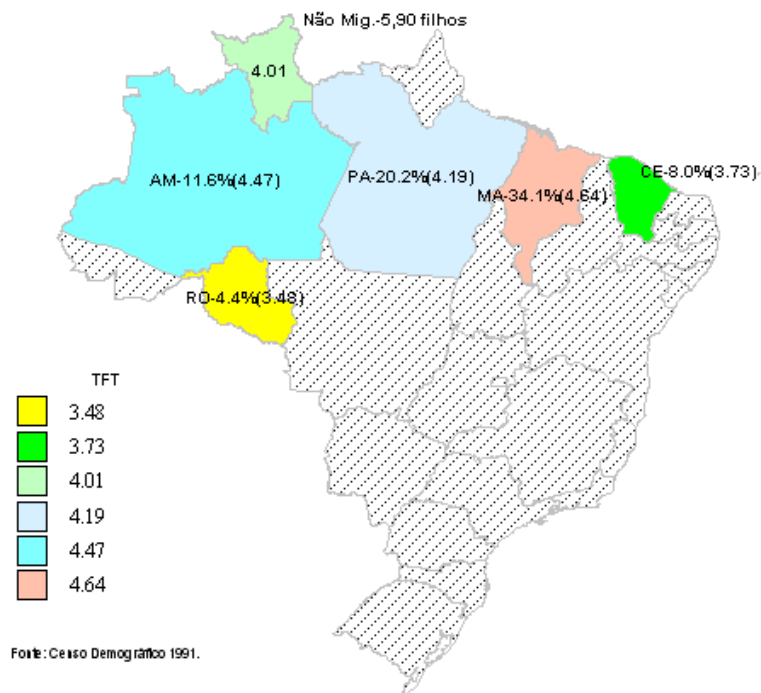
(3) As correções do nível da fecundidade foram realizadas utilizando-se a metodologia da razão P/F, proposta pelo professor Willian Brass.

Nas Unidades da Federação da Região Norte, três apresentaram diferenças significativas, Amazonas, Roraima e Amapá. No primeiro, 43,5%(12.184) do total de mulheres (28.000) que entraram no Estado, foram provenientes do Pará e 10,4%(2.898) do Ceará. Estados que possuem níveis de fecundidade mais baixos do que os encontrados no Amazonas(4,47 filhos) mas, superiores aos das imigrantes(3,53 filhos). Neste Estado apenas 6,3% do total de entradas podem ser considerados como migrantes de retorno, isto é, o local de nascimento declarado era o próprio estado (Tabela 2¹). Roraima, o estado de mais alta fecundidade (5,6filhos), recebeu no período 1986/91, 14.729 mulheres, sendo que 34,1% do total foram provenientes do Maranhão, 20,2% do Pará e 11,6% do Amazonas (Gráfico 1). Independente destas mulheres serem naturais desses estados ou de outros, contudo em etapas migratórias, os níveis de fecundidade são mais baixos

¹ Os efetivos de migrantes de retorno apresentados nesta tabela referem-se ao total. Os autores aceitam a hipótese de que homens e mulheres retornam com a mesma intensidade.

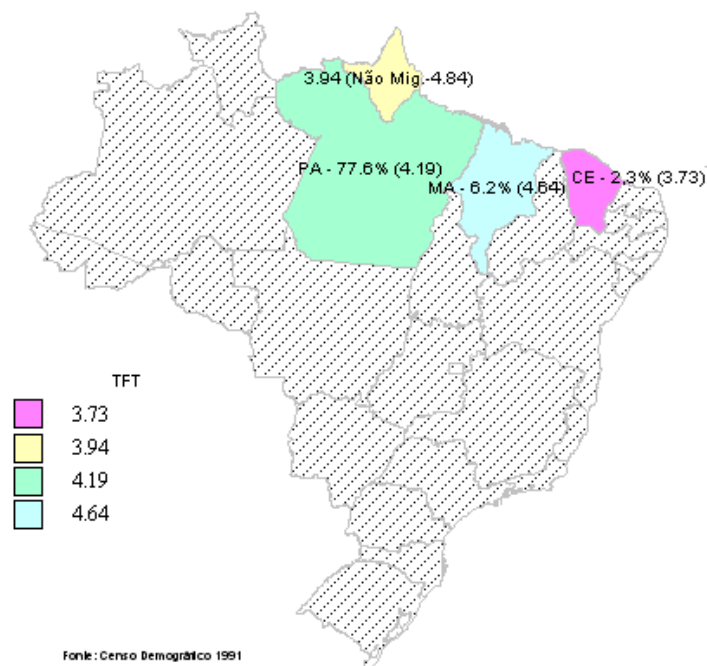
do que os apresentados pelas mulheres de Roraima, onde a participação da migração de retorno é pequena, apenas 1,4% do total de entradas(Tabela 2).

Gráfico 1- Roraima- Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1986/91



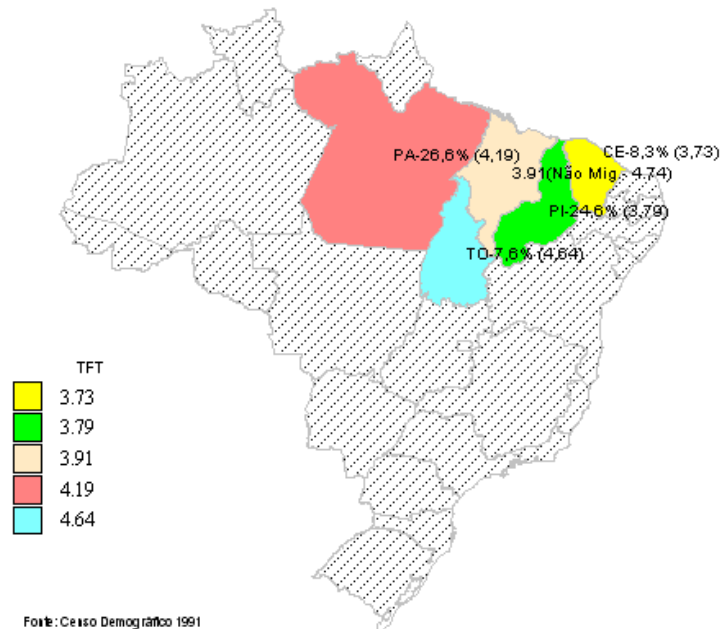
Por último, o Amapá, cuja fecundidade das migrantes de “data fixa” (3,94 filhos) é 18,6% menor do que as não migrantes (4,84 filhos). Neste Estado 77,6% do total de imigrantes (11.754) foram oriundos do Pará, que possui um nível mais baixo de fecundidade(4,19 filhos) valor próximo ao observado nas mulheres migrantes(3,94 filhos) e 6,6% do total podem ser considerados como retornados (Gráfico 1, Tabelas 1 e 2 e Tabela A do Anexo).

Gráfico 2 - Amapá - Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1986/91



Em todos os Estados da Região Nordeste em 1991, com exceção do Piauí, as mulheres migrantes apresentaram níveis de fecundidade mais baixos do que os encontrados nas não migrantes. Fato esperado, já que os estados desta região juntamente com os da anterior, são os que possuem os mais altos níveis de fecundidade. No caso do Maranhão, do total de mulheres que entraram (52.197), 26,6% e 24,6% são provenientes dos Estados do Pará e Piauí respectivamente, estados com níveis de fecundidade mais baixos (Gráfico 3).

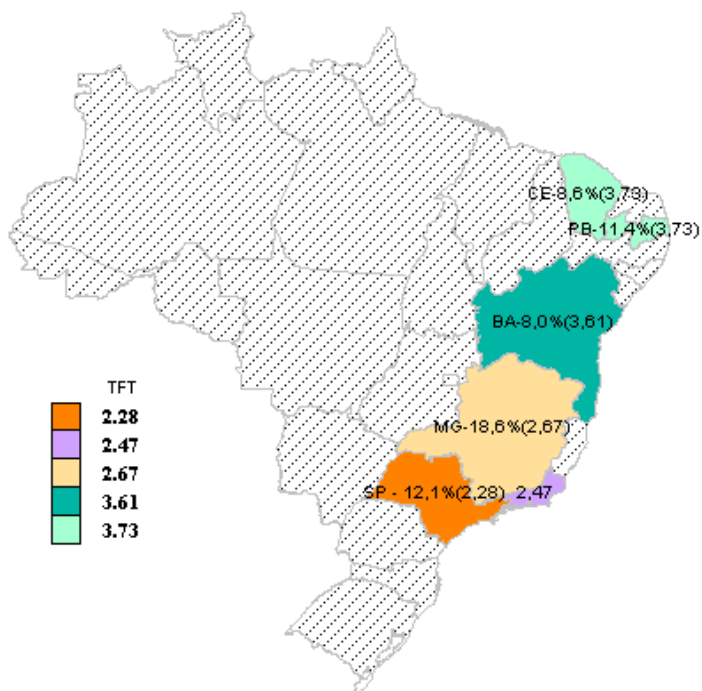
Gráfico 3 - Maranhão - Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1986/91



Para o Ceará imigraram 60.827 mulheres, sendo que 31,6% oriundas dos estados do Rio e São Paulo e 10,2% do Piauí, cuja fecundidade (3,79filhos) é muito próxima do estado (3,73filhos). No total de entradas do Rio Grande do Norte (38.617), Paraíba (43.790), Pernambuco (88.635), Alagoas (30.519), Sergipe (29.219) e Bahia (93.767), 28%, 39%, 36%, 28%, 26% e 39% foram de mulheres cuja origem foram os dois estados do Sudeste, respectivamente. Deve-se ressaltar que nestas Unidades da Federação, a participação da migração de retorno é significativa. No Ceará, 52% das entradas no período 1986/91, foram de pessoas que nasceram no Estado (Tabela 2) e, uma parte significativa deste contingente (44%) é proveniente de São Paulo e Rio de Janeiro, onde os níveis de fecundidade são mais baixos.

Na Região Sudeste em todas as Unidades da Federação a fecundidade das mulheres migrantes se apresentou em níveis superiores aos das que não efetuaram movimentos migratórios de “data fixa”. Como 64,3% das entradas na Região são provenientes da Nordeste, onde os níveis de fecundidade das mulheres são mais elevados, fica justificada a afirmação anterior. As maiores diferenças relativas entre os níveis de fecundidade encontram-se no Rio e São Paulo com percentuais de 19,3% aproximadamente. No caso do Estado do Rio de Janeiro o nível de fecundidade das mulheres migrantes foi de 2,47 filhos, contra 2,07 das não migrantes, contudo todos os estados de procedência dos imigrantes possuíam níveis mais altos de fecundidade (Gráfico 4).

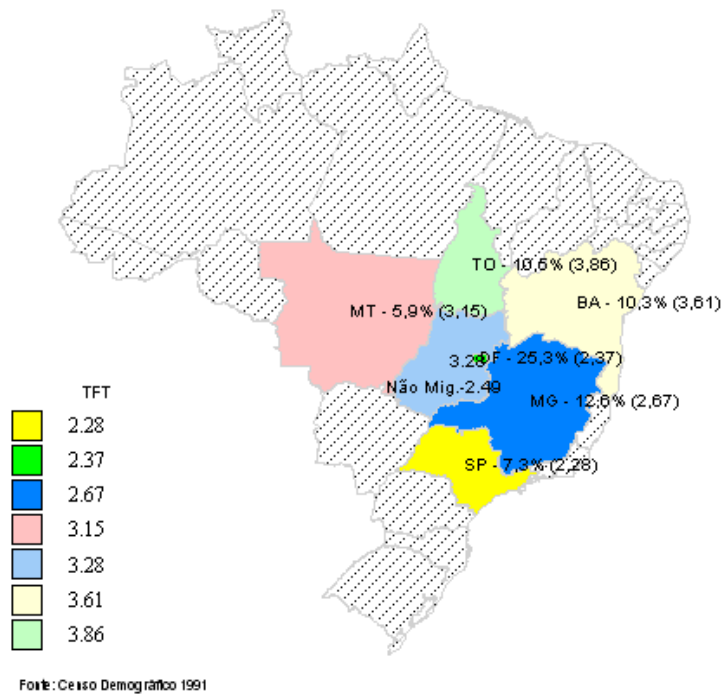
Gráfico 4 - Rio de Janeiro - Taxa de fecundidade das mulheres migrantes 1986/91



Os Estados do Paraná e Santa Catarina apresentaram pequenas diferenças entre a fecundidade de mulheres migrantes e não migrantes, -3,0% e 6,2%, respectivamente. No Rio Grande do Sul as mulheres migrantes apresentaram uma taxa de fecundidade total de 2,71 filhos contra 2,38 filhos por mulher das não migrantes. Tendência esperada, já que, aproximadamente 60% das entradas no Estado são provenientes do Paraná e Santa Catarina, estados com níveis de fecundidade superiores. Deve-se destacar o alto percentual de imigrantes que declararam o próprio Rio Grande do Sul, como estado de nascimento, 43% deles, magnitude só inferior aos do Ceará (52%) e Paraíba (48%) (Tabela 2).

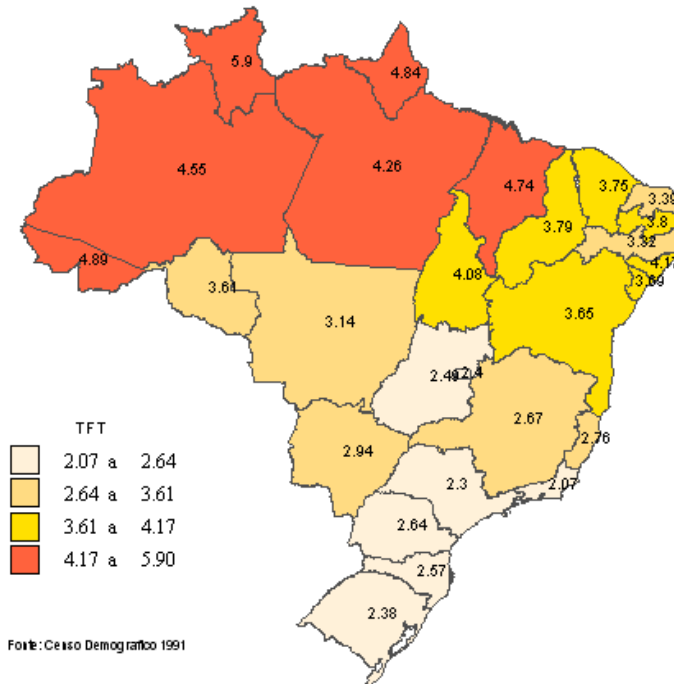
Na Região Centro-Oeste, todos os estados com exceção de Goiás, não apresentaram diferenças significativas entre os níveis de fecundidade das duas categorias de mulheres. Em Goiás, a taxa de fecundidade das mulheres migrantes foi 32% maior do que as não migrantes. Neste Estado, 51% (135.690) do total de entradas (268.061) foram provenientes da população feminina, oriundas das regiões Norte (17,5%), Nordeste (24,3%), Sudeste (22,4%) Sul(3,3%) e da própria (32,5%). Estas entradas estão concentradas nos Estados do Tocantins, Pará, Bahia, Maranhão, Piauí, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Distrito Federal, este último concentra 78% dos movimentos dentro da própria região, muito provavelmente constituído de etapas migratórias, mulheres que estavam cinco anos antes no Distrito Federal mas, originárias de Estados do Nordeste (Gráfico 5). Estes fatos, justificam um diferencial tão elevado entre as taxas de fecundidade destas mulheres.

Gráfico 5 - Goiás - Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1986/91



Do exposto, fica evidente que existe diferenciais entre os níveis de fecundidade das mulheres migrantes e não migrantes de “data fixa”, estes são mais evidentes nas Regiões Norte e Nordeste do país(Gráfico 6 e 7).

Gráfico 6 - Taxa de fecundidade total das mulheres não migrantes 1986/91



A primeira Região por possuir os mais altos níveis de fecundidade do país, a segunda por ser uma área de forte atração populacional, com uma alta participação de imigrantes oriundos da Região Nordeste.

Gráfico 7-Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1986/91

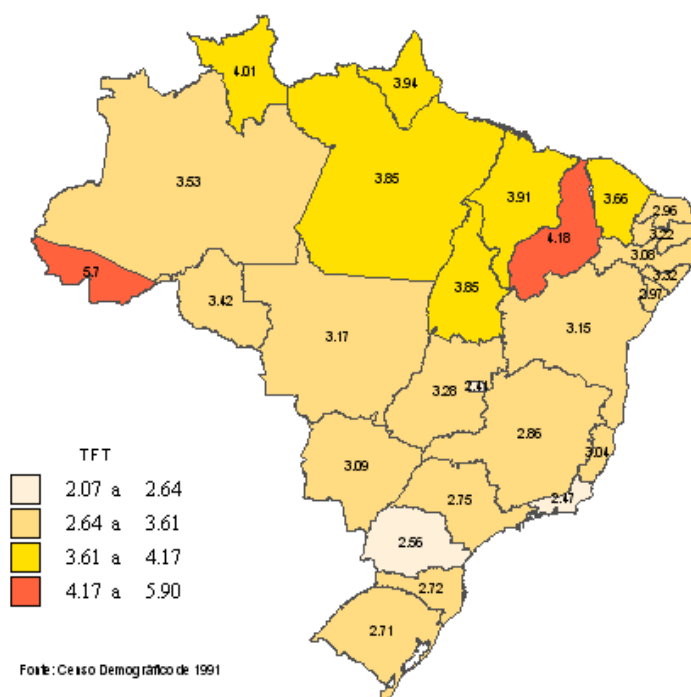


Tabela 2 - Unidades da Federação - Indicativo de migração de retorno, Participação dos migrantes retorno no total de entradas - 1986/91, 1995/2000

Unidades da Federação	1991			2000		
	Migração de retorno	Total de entradas	Participação (%)	Migração de retorno	Total de entradas	Participação (%)
Rondônia	2092	127,061	1.6	6,091	83,325	7.3
Acre	2193	12,979	16.9	2,785	13,634	20.4
Amazonas	3711	59,366	6.3	8,619	89,627	9.6
Roraima	497	35,347	1.4	1,011	47,752	2.1
Pará	17491	212,436	8.2	27,795	182,043	15.3
Amapá	1556	23,641	6.6	2,327	44,582	5.2
Tocantins	10764	82,326	13.1	14,270	95,430	15.0
Maranhão	34998	103,448	33.8	43,186	100,816	42.8
Piauí	28238	72,950	38.7	40,997	88,740	46.2
Ceará	63056	121,652	51.8	78,469	162,925	48.2
Rio G.do Norte	27660	75,570	36.6	27,748	77,916	35.6
Paraíba	43050	88,902	48.4	50,154	102,005	49.2
Pernambuco	73553	171,678	42.8	73,554	164,871	44.6
Alagoas	17005	60,881	27.9	23,239	55,966	41.5
Sergipe	14298	55,978	25.5	13,510	52,111	25.9
Bahia	61005	186,614	32.7	108,097	250,571	43.1
Minas Gerais	155323	371,886	41.8	161,045	447,782	36.0
Espírito Santo	24955	135,421	18.4	21,831	129,169	16.9
Rio de Janeiro	37670	253,401	14.9	49,351	319,749	15.4
São Paulo	130840	1,392,791	9.4	116,431	1,223,811	9.5
Paraná	93542	269,078	34.8	94,654	297,311	31.8
Santa Catarina	36459	170,304	21.4	34,962	199,653	17.5
Rio G.do Sul	49312	114,295	43.1	40,435	113,395	35.7
Mato G.do Sul	15929	124,046	12.8	14,997	97,709	15.3
Mato Grosso	8062	226,906	3.6	10,363	166,299	6.2
Goiás	48400	268,061	18.1	54,294	372,702	14.6
Distrito Federal	6376	195,233	3.3	9,482	216,200	4.4

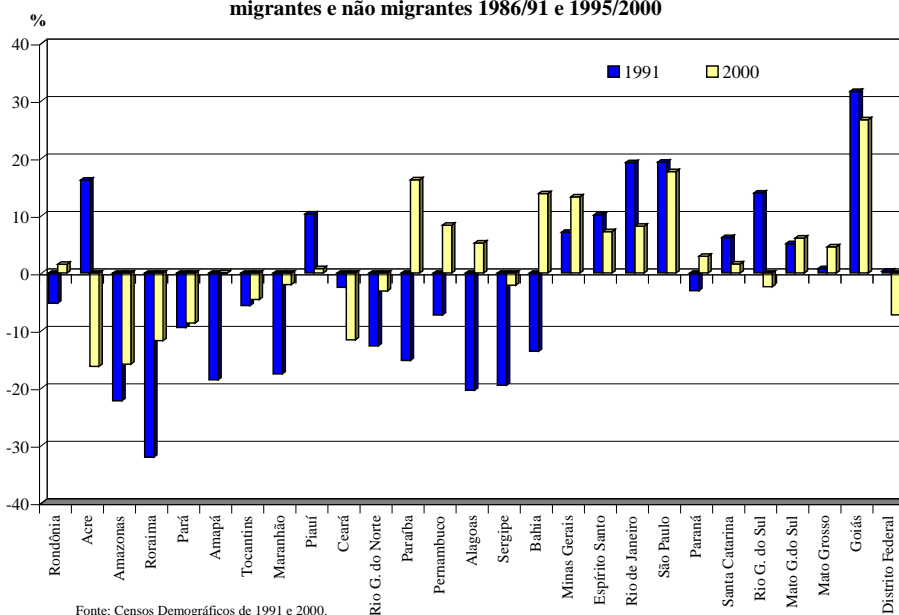
Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1991e 2000.

Nota : O indicativo de migração de retorno foi obtido através do cruzamento de três variáveis; lugar de residência anterior (5 anos antes), lugar de nascimento e lugar de residência atual

O cenário dos níveis de fecundidade em 2000

A tendência de declínio dos níveis de fecundidade é observada em todas as Unidades da Federação, tanto para as mulheres migrantes como para as não migrantes. Em dezessete delas, o declínio da fecundidade das mulheres consideradas não migrantes foi maior de que as migrantes. Contudo, as diferenças não foram significativas. Os estados do Acre, Piauí, Ceará, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Distrito Federal apresentaram comportamento inverso. De uma maneira, geral os diferenciais encontrados em 1991 entre as duas categorias de mulheres diminuíram durante a década de 1990 (Tabela 1 e Gráfico 8). Como esperado, o declínio da fecundidade das mulheres não migrantes é muito próximo do apresentado pelos níveis gerais, devido a importância do peso desta população na total.

Gráfico 8 - Unidades da Federação - Diferença relativa entre a fecundidade das mulheres migrantes e não migrantes 1986/91 e 1995/2000



Os gráficos 9 e 10 mostram as taxas de fecundidade das mulheres migrantes e não migrantes para o período 1995/2000 (Tabela 1). Observa-se que na primeira faixa, de 1,87 a 2,42 filhos por mulher a quantidade de Unidades da Federação é próxima para as duas categorias de mulheres, sinalizando para uma convergência dos níveis de fecundidade entre os estados e, conseqüentemente entre as mulheres migrantes e não migrantes.

Gráfico 9 - Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1995/00

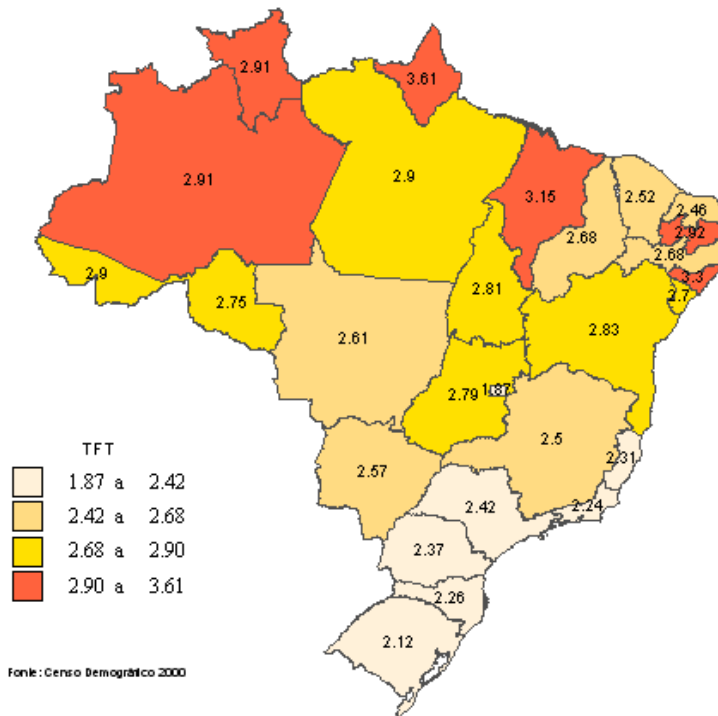
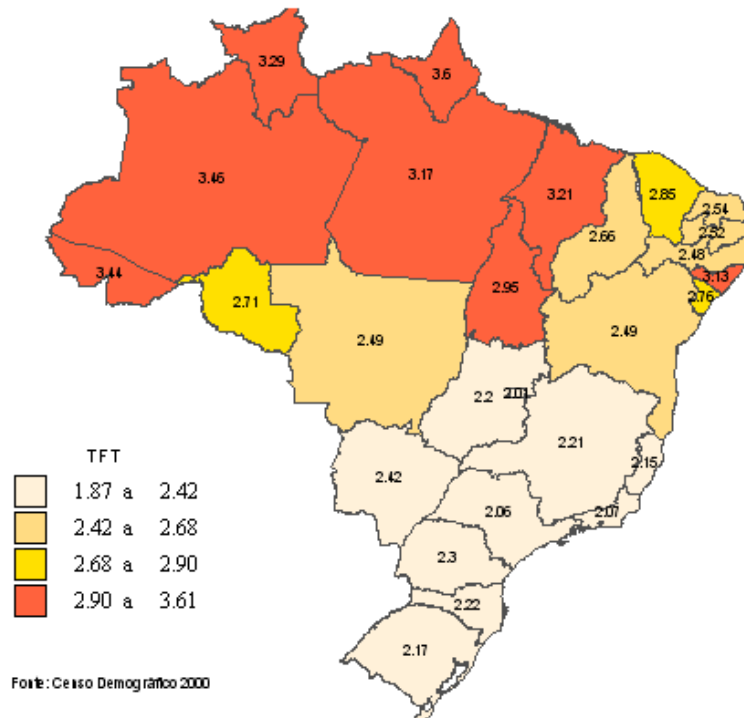
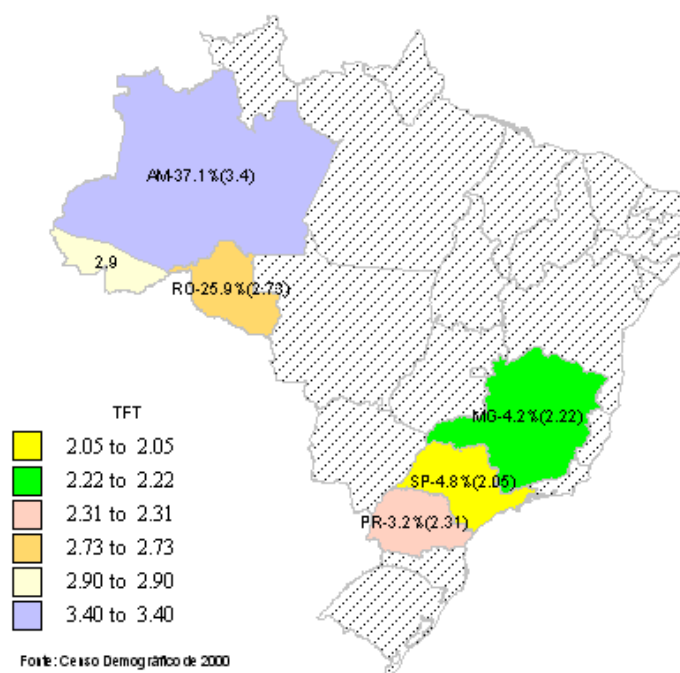


Gráfico 10 - Taxa de fecundidade total das mulheres não migrantes 1995/00



Na Região Norte, todas as Unidades da Federação com exceção do Acre, diminuíram as diferenças entre os níveis de fecundidade das mulheres migrantes e não migrantes. Neste Estado, o valor da diferença se manteve, contudo com sinal inverso. A fecundidade das mulheres migrantes passou a ser 16,2% menor do que as não migrantes. As primeiras apresentaram um declínio de 50% entre as duas pesquisas, o maior observado entre as Unidades da Federação. Deve-se ter em mente que 64% das mulheres migrantes em 2000, são provenientes dos estados do Amazonas e Rondônia com taxas que variam de 3,4 a 2,7 filhos por mulher e, o surgimento do Estado de Minas Gerais (4,2%) em quarto lugar no ranking de entradas nesse estado, posição que em 1991 era ocupada pelo Estado do Mato Grosso (4,9%).

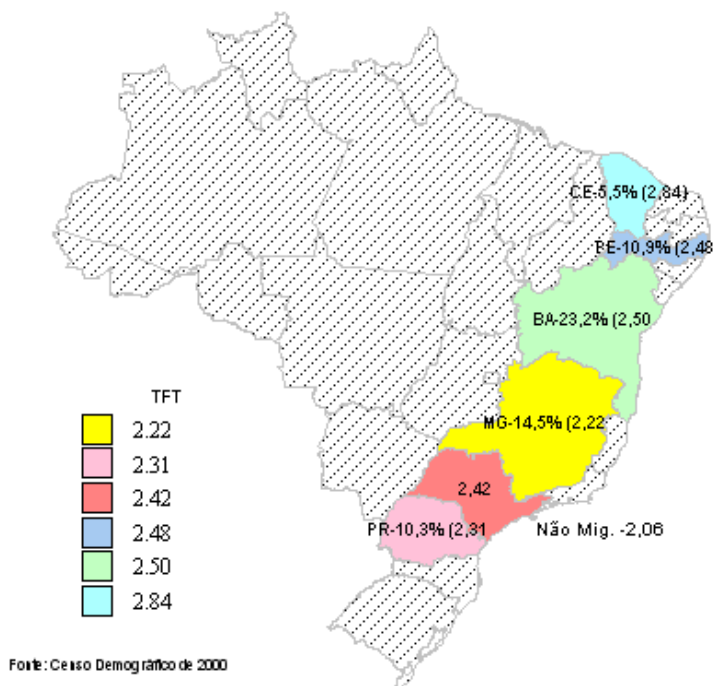
Gráfico 11 - Acre - Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1995/2000



Na Região Nordeste, as taxas de fecundidade entre 1991 e 2000, diminuíram tanto para as mulheres migrantes como não migrantes contudo com maior intensidade para o segundo conjunto. O Estado de Alagoas é o maior exemplo, enquanto o nível de fecundidade das mulheres migrantes sofreu um decréscimo da ordem de 0,7% (de 3,32 para 3,30 filhos), o das não migrantes foi de 25% aproximadamente. Os Estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe, apresentaram declínios consideráveis entre os níveis dos dois contingentes de mulheres. O Ceará aumentou esta diferença (de -2,5% para -11,6%) e, Paraíba, Pernambuco e Bahia mantiveram aproximadamente os percentuais, contudo com uma inversão de sinais, de negativos para positivos (Tabela 1).

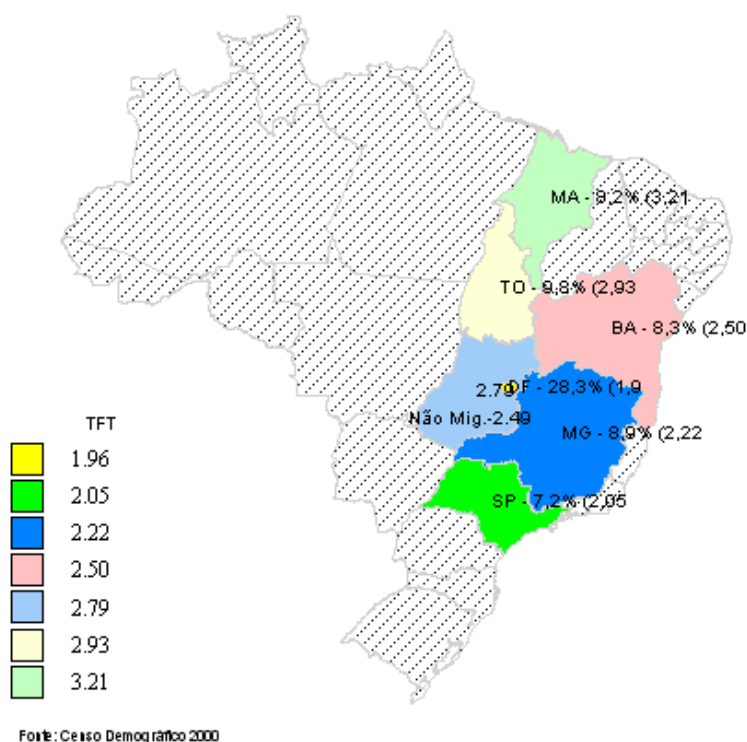
Os Estados que compõem a Região Sudeste, com exceção de Minas Gerais, diminuíram as diferenças entre os níveis de fecundidade destes dois quantitativos de mulheres. Nestes, como esperado, o declínio da taxa de fecundidade foi mais significativo nas mulheres migrantes, já que atraem população de estados onde os níveis de fecundidade são mais elevados (declínios maiores no período 1991/2000). Podemos tomar como exemplo o Estado que mais atrai população, São Paulo, com uma fecundidade de 2,05 filhos., Do total de mulheres que entraram no período 1995/2000, 23,2%, 14,5%, 10,9%, 10,3% e 5,5% foram oriundas dos Estados da Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Paraná e Ceará com níveis de fecundidade de 2,50, 2,22, 2,48, 2,31 e 2,84 filhos, respectivamente, todos superiores ao do Estado (Gráfico 12 e Tabela A em anexo), fazendo com que o nível médio das mulheres migrantes se situasse na ordem de 2,42 filhos por mulher.

Gráfico 12 - São Paulo - Taxa de fecundidade das mulheres migrantes 2000



As Unidades da Federação das Regiões Sul e Centro-Oeste, com exceção dos Estados do Rio Grande do Sul e Goiás, que já apresentavam pequenas diferenças entre os níveis de fecundidade para os dois grupos de mulheres em 1991, continuaram com esse panorama em 2000. No Rio Grande do Sul no quinquênio 1986/91 a taxa de fecundidade total das mulheres migrantes era 14% maior do que as não migrantes, no período seguinte 2,4% menor. O Estado de Goiás apresentava o maior diferencial entre os níveis de fecundidade das duas categorias no primeiro quinquênio e sustentou-o no segundo, a diferença para o comportamento observado em 1991 foi a troca de posições no ranking de entradas das Unidades da Federação de origem entre Minas Gerais e Tocantins e o surgimento de fluxos provenientes do Estado do Maranhão ocupando o quinto lugar com uma participação de 8,2% no total de imigrantes (Gráfico 13 e Tabela A em anexo).

Gráfico 13 - Goiás - Taxa de fecundidade total das mulheres migrantes 1995/2000



O padrão de fecundidade e a idade média da fecundidade

Na maioria das Unidades da Federação o padrão de fecundidade das mulheres migrantes é um pouco mais jovem do que as não migrantes. Em dezenove Unidades da Federação, em 1991, as mulheres migrantes possuíam uma maior concentração da fecundidade no grupo de 15 a 24 anos. São elas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, todos os estados da Região Nordeste, Minas, Espírito Santo e São Paulo e toda a Região Sul. Com exceção de Roraima e São Paulo as mulheres migrantes apresentavam uma idade média da fecundidade menor do que as não migrantes (Tabela 3), contudo em valores muito próximos. Os estados da Região Centro-Oeste apresentaram comportamento inverso, padrão mais jovem para as mulheres não migrantes nos dois anos. Em 2000, os padrões de fecundidade das mulheres migrantes e não migrantes que já eram próximos em 1991, tornaram-se mais próximos ainda, conseqüentemente, a concentração da fecundidade no grupo de 15 a 24 anos entre os dois grupos de mulheres situou-se em valores não muito distintos.

Tabela 3 - Idade Média da fecundidade das mulheres migrantes⁽¹⁾ e não migrantes⁽²⁾ segundo a Unidade da Federação de residência anterior (Migração de Data Fixa - 1991 e 2000)

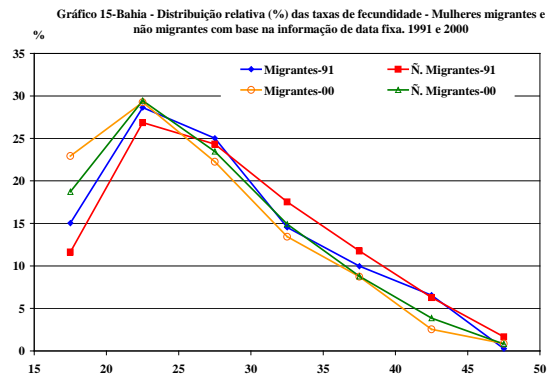
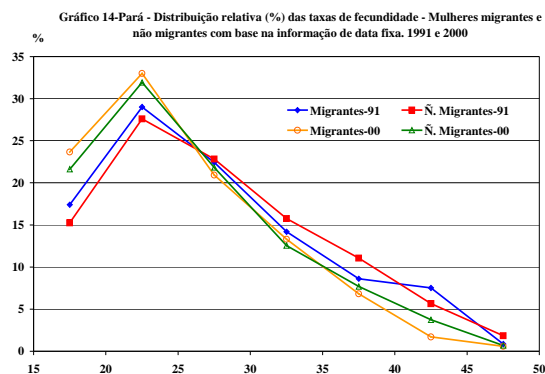
Unidades da Federação	Idade Média 1991		Δ%	Idade Média Total	Idade Média 2000		Δ%	Idade Média Total	Δ 1991/2000) %	
	Migrantes	Não migrantes			Migrantes	Não migrantes			Migrantes	Não migrantes
Rondônia	26.6	26.3	1.2	26.3	24.4	25.1	-2.9	25.0	-8.3	-4.4
Acre	28.5	27.9	2.1	27.9	24.5	26.1	-6.1	26.1	-14.0	-6.4
Amazonas	27.5	27.9	-1.4	27.9	25.9	26.1	-1.0	26.1	-6.0	-6.3
Roraima	28.0	26.6	5.2	26.7	25.1	25.7	-2.3	25.6	-10.2	-3.3
Pará	27.1	27.7	-1.9	27.6	25.2	25.8	-2.4	25.8	-7.3	-6.8
Amapá	26.9	28.1	-4.3	28.0	27.0	26.5	1.7	26.6	0.2	-5.7
Tocantins	26.9	26.9	-0.2	26.9	25.1	26.2	-4.1	25.2	-6.7	-2.9
Maranhão	27.0	27.8	-2.7	27.8	25.2	25.6	-1.8	25.6	-6.8	-7.7
Piauí	27.4	28.2	-2.7	28.2	26.0	25.9	0.4	25.9	-5.4	-8.3
Ceará	27.8	28.7	-3.0	28.6	26.7	27.1	-1.7	27.1	-4.1	-5.3
Rio G. do Norte	26.2	27.8	-5.5	27.7	26.2	26.2	-0.1	26.2	-0.1	-5.6
Paraíba	26.2	28.5	-8.1	28.4	26.6	26.4	0.8	26.4	1.8	-7.2
Pernambuco	26.3	27.7	-4.8	27.6	26.5	26.2	1.2	26.2	0.7	-5.3
Alagoas	26.7	28.2	-5.4	28.2	26.6	26.6	0.0	26.6	-0.3	-5.7
Sergipe	27.2	27.9	-2.6	27.9	25.6	26.9	-4.8	26.9	-5.8	-3.7
Bahia	27.3	28.3	-3.5	28.3	25.8	26.5	-2.6	26.5	-5.5	-6.4
Minas Gerais	26.0	27.6	-5.6	27.5	25.7	26.7	-3.6	26.6	-1.2	-3.2
Espírito Santo	26.2	26.8	-2.2	26.7	25.0	25.9	-3.5	25.9	-4.4	-3.2
Rio de Janeiro	26.9	26.5	1.5	26.5	26.7	26.4	1.3	26.4	-0.7	-0.5
São Paulo	27.0	26.6	1.5	26.6	26.1	26.6	-1.9	26.5	-3.4	0.0
Paraná	26.3	26.8	-2.1	26.8	26.2	26.3	-0.3	26.3	-0.2	-2.0
Santa Catarina	26.9	26.9	-0.1	26.9	26.4	26.6	-0.6	26.5	-1.7	-1.2
Rio Grande do Sul	26.5	27.3	-2.8	27.3	25.6	27.0	-5.3	27.0	-3.5	-1.0
Mato G.do Sul	26.2	25.9	1.2	25.9	25.3	25.2	0.6	25.2	-3.3	-2.7
Mato Grosso	26.4	26.1	1.4	26.1	25.4	24.7	3.0	24.8	-3.9	-5.3
Goiás	27.0	25.1	7.3	25.3	25.4	24.7	2.9	24.8	-5.7	-1.7
Distrito Federal	27.1	27.0	0.3	27.0	25.9	26.7	-2.8	26.6	-4.3	-1.2

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991 e 2000.

Nota: (1) Foram consideradas migrantes aquelas mulheres que há 5 anos antes da pesquisa estavam em outra Unidade da Federação ou país estrangeiro (Migração de DATA FIXA).

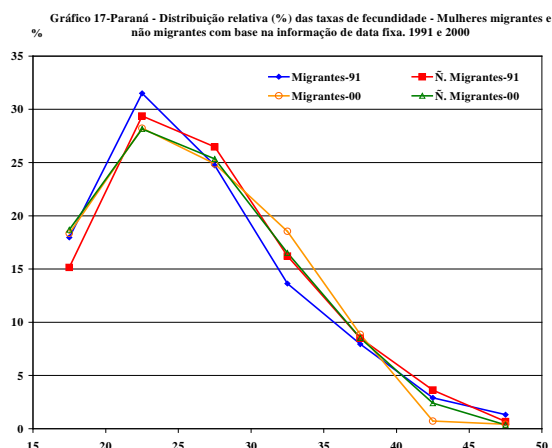
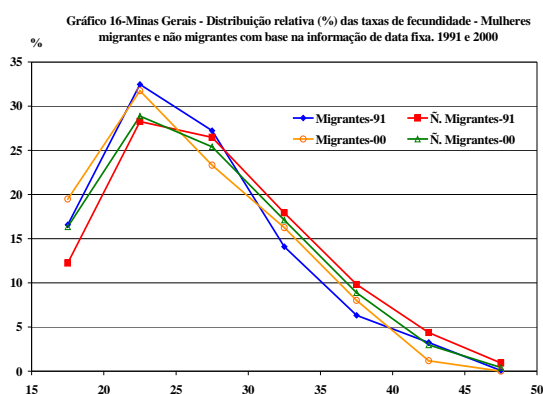
(2) Foram consideradas não migrantes aquelas mulheres que há 5 anos antes da pesquisa estavam na mesma Unidade da Federação em que foram entrevistadas (Migração de DATA FIXA).

A seguir são apresentados os gráficos do padrão de fecundidade, segundo a condição migratória da mulher, para cinco Unidades da Federação (Pará, Bahia, Minas Gerais, Paraná e Goiás) uma de cada grande região brasileira. No primeiro, o estado do Pará, um padrão jovem para os dois grupos de mulheres, no ano de 1991, que acentua-se em 2000, com uma leve supremacia das mulheres migrantes (idade média da fecundidade menor para as migrantes (Tabela 3).

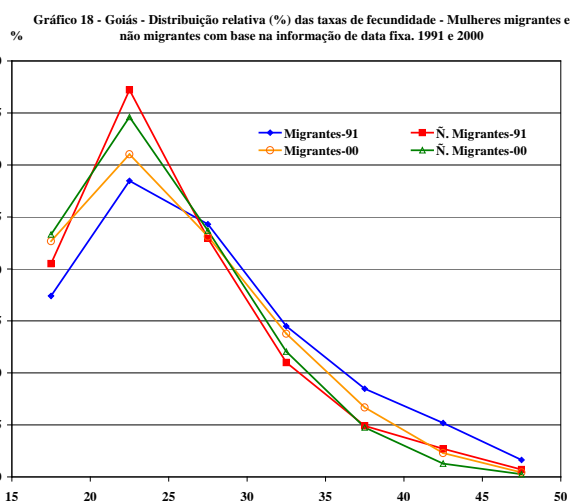


No segundo temos a Bahia, com padrões de fecundidade não tão distintos entre os dois anos, mais com a mesma tendência de rejuvenescimento ao longo do tempo. Neste Estado, em 1991, a idade média da fecundidade era de 1 ano maior nas não migrantes, diferença que reduziu-se um pouco no período 1995/2000(-0,7). Em Minas Gerais temos uma proximidade dos

padrões provenientes de mulheres migrantes e não migrantes nos dois censos, com um leve rejuvenescimento da fecundidade em favor das primeiras. Comportamento semelhante é observado no Estado do Paraná.



O Estado de Goiás apresenta um padrão distinto da grande maioria, uma maior concentração da fecundidade nos grupos de idade mais jovens nas mulheres não migrantes. Em 1991, enquanto as mulheres migrantes concentravam 28,5% da fecundidade total no grupo de 20 a 24 anos, às não migrantes apresentavam um percentual de 37,2%. Em 2000 é observado o mesmo comportamento, contudo com menos intensidade.



Os níveis de mortalidade segundo a condição migratória da mulher

Da mesma forma que na fecundidade, os níveis de mortalidade destas mulheres para os anos de 1991 e 2000, foram obtidos utilizando-se uma metodologia indireta (Brass, 1968). Deve-se ressaltar que, utilizando-se este procedimento aceitamos o padrão de mortalidade da família de tábuas modelo utilizadas. Para os anos de 1991 e 2000 (principalmente), algumas Unidades da Federação apresentaram esperanças de vida ao nascer maiores que 75 anos. Como nestas tábuas o nível limite de mortalidade é de 75 anos, impossibilita o processo de interpolação do nível desejada que o torne coerente com o conjunto de tábuas modelo do padrão selecionado.

Diante dos fatos expostos, os procedimentos adotados para o cálculo da esperança de vida ao nascer para as duas categorias de mulheres foram:

1º. Adotou-se o modelo West como representativo do padrão de mortalidade para os dois grupos de mulheres.

2º. Aplicação da metodologia, obtendo-se estimativas dos níveis de mortalidade (e0) correspondentes aos grupos de 20 a 24, 25 a 29 e 30 a 34 anos de idade das mulheres migrantes, não migrantes e para o total de mulheres.

3º. Cálculo do nível médio de mortalidade correspondente aos três grupos de idade.

4º. Obtenção da relação entre o nível médio de mortalidade das migrantes e não migrantes em relação ao nível calculado para o total de mulheres.

5º. Os fatores obtidos, de aumento ou decréscimo, foram aplicados nas esperanças de vida ao nascer femininas calculadas por método direto (Tábuas de Mortalidade) para os anos de 1991 e 2000 (Albuquerque&Senna, 2005).

6º. Como o nível médio refere-se a alguns anos antes das datas de referência das pesquisas, aceita-se a hipótese de que a relação observada se manterá nos anos de 1991 e 2000 (Tabela 4 e Anexo – Tabela A).

Tabela 4 - Esperança de Vida das mulheres migrantes⁽¹⁾ e não migrantes⁽²⁾ segundo a Unidade da Federação de residência anterior (Migração de Data Fixa - 1991 e 2000)

Unidades da Federação	e0 1991		Δ%	e0 Total	e0 2000		Δ%	e0 Total	Δ e0 (1991/2000) %	
	Migrantes	Não migrantes			Migrantes	Não migrantes			Migrantes	Não migrantes
Rondônia	69.5	70.7	-1.6	70.4	71.6	71.9	-0.4	71.8	3.0	1.7
Acre	69.6	69.2	0.6	69.2	68.7	71.9	-3.8	71.9	-0.5	4.0
Amazonas	64.7	68.7	-5.8	68.6	72.7	72.6	0.2	72.6	12.4	5.6
Roraima	64.6	69.5	-7.1	68.3	69.9	70.1	-0.2	70.0	8.3	0.8
Pará	66.9	71.3	-6.2	71.0	70.3	73.0	-3.7	72.9	5.0	2.3
Amapá	67.5	71.8	-6.0	71.3	69.3	72.7	-4.6	71.3	2.7	1.2
Tocantins	70.0	70.8	-1.2	70.7	71.0	71.3	-0.4	71.3	1.5	0.7
Maranhão	69.1	65.6	5.4	65.7	71.7	68.8	4.2	68.8	3.7	4.9
Piauí	62.8	65.4	-4.1	65.3	69.7	69.2	0.6	69.2	11.0	5.8
Ceará	69.5	67.8	2.6	67.8	74.6	72.3	3.2	72.3	7.3	6.7
Rio G. do Norte	73.2	66.2	10.5	66.6	74.5	71.9	3.7	72.0	1.8	8.5
Paraíba	67.5	64.7	4.3	64.8	71.8	69.8	2.9	69.9	6.4	7.9
Pernambuco	64.1	64.3	-0.3	64.2	70.7	69.0	2.5	69.1	10.3	7.4
Alagoas	65.9	63.2	4.2	63.3	74.9	67.9	10.4	67.9	13.7	7.3
Sergipe	67.5	66.3	1.7	66.4	72.8	72.0	1.2	72.0	7.9	8.5
Bahia	69.1	68.8	0.4	68.8	73.9	73.3	0.9	73.3	7.0	6.5
Minas Gerais	73.4	72.9	0.7	72.9	76.6	76.3	0.5	76.3	4.4	4.6
Espírito Santo	71.2	73.6	-3.2	73.3	75.0	75.4	-0.6	75.4	5.3	2.5
Rio de Janeiro	69.4	72.7	-4.6	72.6	74.2	75.6	-1.9	75.5	6.9	3.9
São Paulo	69.4	74.5	-6.9	74.1	74.3	76.9	-3.4	76.7	7.1	3.1
Paraná	73.4	72.9	0.7	72.9	75.9	75.1	1.1	75.1	3.4	3.0
Santa Catarina	74.1	74.7	-0.8	74.7	77.3	76.8	0.6	76.8	4.3	2.8
Rio Grande do Sul	74.5	75.3	-1.1	75.3	78.4	77.0	1.8	77.1	5.2	2.3
Mato G.do Sul	71.2	72.5	-1.8	72.3	75.7	75.2	0.7	75.2	6.4	3.8
Mato Grosso	70.7	70.8	-0.2	70.8	74.8	74.9	-0.1	74.9	5.8	5.8
Goiás	69.5	72.6	-4.3	72.3	73.7	74.9	-1.5	74.7	6.1	3.1
Distrito Federal	69.6	73.4	-5.1	72.6	74.6	78.3	-4.7	77.6	7.2	6.7

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991 e 2000.

Nota: (1) Foram consideradas migrantes aquelas mulheres que há 5 anos antes da pesquisa estavam em outra Unidade da Federação ou país estrangeiro (Migração de DATA FIXA).

(2) Foram consideradas não migrantes aquelas mulheres que há 5 anos antes da pesquisa estavam na mesma Unidade da Federação em que foram entrevistadas (Migração de DATA FIXA).

Na Região Norte, nos dois anos em estudo, as esperanças de vida ao nascer da mulheres migrantes foram menores do que as não migrantes. Do total de entradas de mulheres em

Unidades da Federação desta Região, 66% e 71% foram provenientes de movimentos intraregional e da Nordeste, para os anos de 1991 e 2000, respectivamente. A participação das imigrantes oriundas da Nordeste, passou de 27% para 37% entre os dois períodos, Região que apresenta os mais altos níveis de mortalidade. Como exemplo podemos citar o Estado de Roraima, o que apresenta a mais baixa esperança de vida ao nascer da região. Em 1991, uma mulher esperaria viver em média 68,3 anos, valor próximo ao observado em uma não migrante (69,5 anos) contra 64,6 anos de uma migrante. A diferença de aproximadamente 5 anos pode ser explicada pelo fato de 34% das entradas neste Estado terem sido provenientes do Maranhão, que possuía uma esperança de vida 65,7 anos.

As Unidades da Federação da Região Nordeste apresentaram comportamento distintos; no Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe as expectativas de vida ao nascimento foram maiores nas mulheres consideradas migrantes, Pernambuco e Bahia com níveis muito próximos e o Piauí onde uma mulher migrante esperaria viver em média 62,8 anos, contra 65,4 anos de uma mulher que não efetuou movimento migratório. A maior diferença entre os níveis de mortalidade em 1991 foi encontrado no Rio Grande do Norte, aproximadamente 7 anos entre as duas categorias de mulheres e de 3 anos aproximadamente em 2000 (segunda maior). Uma possível explicação para este fato é que do total de entradas neste Estado em 2000, aproximadamente 36%(27.748) do total (77.916) podem ser consideradas como migrantes de retorno, e do total de retornados, 13.407 (48,5%) tinham como procedência o Rio de Janeiro e São Paulo. Das demais entradas, 5.792 e 6.619 de indivíduos eram naturais destes dois estados respectivamente e destes 77,6% e 84,6% tinham declarado como residência anterior o Rio e São Paulo, os demais eram etapas migratórias de fluminenses e paulistas.

Na Região Nordeste, entre os dois períodos, todos os estados apresentaram aproximações entre os níveis de mortalidade. com exceção de Alagoas. Nesta Unidade da Federação, observa-se uma mudança na distribuição de entradas, as entradas provenientes de Pernambuco e Bahia que representavam 41,0% e 10,4% do total no período 1986/91, passaram para 32,8% e 7,30% no seguinte. Já a participação de São Paulo que era de 21% elevou-se para 32,3% no período 1995/00. A migração de retorno que representava 28% do efetivo de entradas no primeiro quinquênio elevou-se para 42% (23.239) aproximadamente, no segundo (Tabela 2). Sendo que em 2000, 52% dos retornados tinham como origem o estado de São Paulo.

As esperanças de vida das imigrantes de “data fixa” dos estados da Região Sudeste, com exceção de Minas Gerais, foram menores do que as não migrantes. Fato esperado, dado que, a maioria das entradas, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo é proveniente da Região Nordeste. Em Minas Gerais, a esperança de vida ao nascer é levemente superior nas migrantes, fato que pode ser explicado pelo fluxo de imigrantes à Unidade da Federação, 45% e 13% provenientes de São Paulo e Rio Janeiro em 2000.

As diferenças entre a mortalidade das mulheres segundo a condição migratória são pequenas nas Unidades da Federação da Região Sul, comportamento esperado já que parte considerável dos movimentos migratórios na região é entre indivíduos da própria região e de São Paulo.

Na Região Centro-Oeste, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não apresentaram diferenças significativas entre os níveis de mortalidade das duas categorias estudadas. Já Goiás e Distrito Federal apresentam uma grande diversidade migratória, além de efetuarem trocas entre eles, recebem migrantes provenientes do Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Bahia, São Paulo e Mato Grosso, na grande maioria estados com níveis de mortalidade mais elevados que os mencionados.

Conclusões

Apesar de existirem diferenças entre os níveis de fecundidade e de mortalidade das mulheres migrantes e não migrantes na grande maioria das Unidades da Federação, verifica-se que estes diferenciais diminuíram ao longo dos dois períodos estudados, e espera-se que estes diferenciais diminuam ainda mais ao longo do tempo. Os resultados dos movimentos migratórios provenientes da Pnad 2003 revelaram uma redução dos fluxos migratórios, tanto de entradas em regiões caracterizadas como de atração populacional, como de saídas de áreas expulsoras de população. As saídas das Regiões Norte (com exceção do Tocantins), Nordeste e Sul diminuíram em todas as Unidades da Federação. As saídas dos estados do Pará, Amapá, Maranhão, Piauí e Paraíba entre o Censo de 2000 e a Pnad 2003 diminuíram em 32,0%, 39,1%, 36,4%, 44,2%, respectivamente. Na Região Sudeste, o volume de entradas sofreu um processo de redução, mais intenso no Rio de Janeiro (53,7%) e São Paulo (30,1%) (Tabela 5).

Tabela 5 - Volume de entradas, saídas e saldos migratórios segundo a Unidade da Federação, utilizando a informação de lugar de residência há exatamente 5 anos antes da data de referência da pesquisa - períodos 1995/2000 e 1998/2003

Unidades da Federação	Entradas		Diferença Relativa(%)	Saídas		Diferença Relativa(%)	Saldo Migratório	
	1995/2000	1998/2003		1995/2000	1998/2003		1986/1991	1995/2000
Total	5,196,093	4,497,455	-13.4	5,196,093	4,497,455	-13.4	0	0
Rondônia	83,325	37,366	-55.2	72,735	62,314	-14.3	10,590	-24,948
Acre	13,634	12,160	-10.8	16,070	16,050	-0.1	-2,436	-3,890
Amazonas	89,627	60,241	-32.8	58,657	58,155	-0.9	30,970	2,086
Roraima	47,752	35,374	-25.9	14,379	12,839	-10.7	33,373	22,535
Pará	182,043	162,003	-11.0	234,239	159,178	-32.0	-52,195	2,825
Amapá	44,582	25,058	-43.8	15,113	9,209	-39.1	29,469	15,849
Tocantins	95,430	79,933	-16.2	82,515	114,486	38.7	12,915	-34,553
Maranhão	100,816	137,470	36.4	274,469	210,071	-23.5	-173,653	-72,601
Piauí	88,740	84,514	-4.8	140,815	89,489	-36.4	-52,075	-4,975
Ceará	162,925	148,757	-8.7	186,710	131,736	-29.4	-23,785	17,021
Rio G.do Norte	77,916	74,194	-4.8	71,287	55,540	-22.1	6,630	18,654
Paraíba	102,005	114,438	12.2	163,485	91,193	-44.2	-61,480	23,245
Pernambuco	164,871	194,131	17.7	280,290	196,271	-30.0	-115,419	-2,140
Alagoas	55,966	62,731	12.1	127,948	125,451	-2.0	-71,983	-62,720
Sergipe	52,111	41,858	-19.7	56,928	54,574	-4.1	-4,817	-12,716
Bahia	250,571	347,935	38.9	518,036	374,590	-27.7	-267,465	-26,655
Minas Gerais	447,782	441,193	-1.5	408,658	351,844	-13.9	39,124	89,349
Espírito Santo	129,169	121,983	-5.6	95,168	72,534	-23.8	34,001	49,449
Rio de Janeiro	319,749	148,191	-53.7	274,213	256,698	-6.4	45,536	-108,507
São Paulo	1,223,811	854,891	-30.1	883,885	1,013,607	14.7	339,926	-158,716
Paraná	297,311	251,520	-15.4	336,998	296,399	-12.0	-39,686	-44,879
Santa Catarina	199,653	210,580	5.5	139,667	103,969	-25.6	59,986	106,611
Rio G.do Sul	113,395	102,893	-9.3	152,890	138,030	-9.7	-39,495	-35,137
Mato G.do Sul	97,709	108,327	10.9	108,738	81,227	-25.3	-11,029	27,100
Mato Grosso	166,299	175,088	5.3	123,724	72,687	-41.3	42,575	102,401
Goiás	372,702	305,198	-18.1	169,900	176,412	3.8	202,802	128,786
Distrito Federal	216,200	159,428	-26.3	188,577	172,902	-8.3	27,623	-13,474

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e Pnad 2003.

A tipologia a seguir apresenta as Unidades da Federação pertencentes a quatro situações (quatro quadrantes) em relação aos níveis de fecundidade e de mortalidade das mulheres migrantes e não migrantes para os anos de 1991 e 2000. No primeiro e segundo quadrantes, temos mulheres migrantes com níveis de fecundidade mais baixos do que as não migrantes e níveis de mortalidade menores e maiores respectivamente, do que as não migrantes. Teoricamente, o segundo quadrante apresenta uma configuração mais desejável para uma região que recebe população, mulheres migrantes com níveis mais baixos de mortalidade e fecundidade.

No terceiro e quarto quadrantes, apresentam Unidades da Federação nas quais as mulheres migrantes possuem taxas de fecundidade mais elevadas que as não migrantes e as esperanças de vida ao nascer são respectivamente menores e maiores do que as não migrantes.

Deve-se ter em mente, que as trocas de quadrantes de um período para outro, podem ser causadas por pequenas diferenças nos valores das taxas de fecundidade totais e esperanças de vida ao nascer.

1991

	E0(Migrante)<E0(Ñ.Migrante)	E0(Migrante)>E0(Ñ.Migrante)
TFT(Migrante)<TFT(Ñ.Migrante)	Rondônia, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, Pernambuco	Maranhão, Ceará, Rio G. do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Paraná
TFT(Migrante)>TFT(Ñ.Migrante)	Piauí, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato G.do Sul, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal	Acre e Minas Gerais

2000

	E0(Migrante)<E0(Ñ.Migrante)	E0(Migrante)>E0(Ñ.Migrante)
TFT(Migrante)<TFT(Ñ.Migrante)	Acre, Roraima, Pará, Tocantins, Distrito Federal	Amazonas, Maranhão, Ceará, Rio G. do Norte, Sergipe e Rio Grande do Sul
TFT(Migrante)>TFT(Ñ.Migrante)	Rondônia, Amapá, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso e Goiás	Piauí, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Mato G.do Sul

O impacto nas estimativas futuras do volume populacional, ao se considerar a equidade dos níveis de fecundidade e de mortalidade da população presente no instante inicial e dos efetivos futuros, principalmente nas poucas Unidades da Federação que apresentaram diferenciais significativos, serão objetos de estudo a serem desenvolvidos no âmbito do projeto em curso.

Bibliografia

BRASS, Willian, COALE, Ansley J. et al. **The Demography of Tropical Africa**. Princeton: Princeton University Press, 1968.

BRASS, Willian. **Methods for Estimating Fertility and Mortality from Limited and Defective Data**. Chapel Hill: The University of North Carolina at Chapel Hill, Carolina Population Center, 1975.

BRASIL, Tábuas - Modelo de Mortalidade e Populações Estáveis. Estudos e Pesquisas, V. 10. IBGE, Rio de Janeiro, 1981. 144 p.

COALE, A. J. e DEMENY, P. Regional Model Life Table and Stable Population. Princeton, New Jersey. Princeton University Press, 1966.

FEENEY, G., Estimating Infant Mortality Rates from Child Survivorship Data by Age of Mother. *Asian and Pacific Census Newsletter*. v. 3, no. 2, november 1976, pp. 12-16.

_____, Estimating Infant Mortality Trends from Child Survivorship Data. *Population Studies*. V. XXXIV, no. 1, march 1980, pp. 109-128.

COALE, A. J. e TRUSSELL, J., Estimating the Time to which Brass estimates Apply, annex I to Samuel H. Preston and Alberto Palloni, Fine-time Brass-type Mortality Estimates with Data on Ages of Surviving Children. *Population Bulletin of the United Nations*, no. 10, 1977, pp. 87-89.

ANEXOS

Tabela A - Entradas nas Unidades da Federação segundo a participação relativa dos principais estados de origem, taxa de fecundidade total do lugar de origem e das migrantes no lugar de destino. 1991 e 2000

1991												Continua		
UF Origem	TFT Origem	RO-3,42 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	AC-5,70 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	AM-3,53 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	RR-4,01 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PA-3,85 Imigrantes (%)
PR	2.61	18.41	AM	4.47	28.19	PA	4.19	43.52	MA	4.64	34.11	MA	4.64	40.05
ES	2.76	10.82	RO	3.48	28.01	CE	3.73	10.35	PA	4.19	20.23	TO	3.86	10.52
MT	3.15	9.26	SP	2.28	6.23	MA	4.64	7.28	AM	4.47	11.57	BA	3.61	6.03
AM	4.47	6.64	MT	3.15	4.90	AC	4.90	6.27	CE	3.73	7.96	CE	3.73	5.81
PA	4.19	4.59	PR	2.61	3.58	RO	3.48	3.90	RO	3.48	4.39	GO	2.50	5.25
Soma		49.71			70.91			71.32			78.26			67.68

Fonte - Censo Demográfico de 1991.

1991														
UF Origem	TFT Origem	AP-3,94 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	TO-3,85 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MA-3,91 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PI-4,18 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	CE-3,66 Imigrantes (%)
PA	4.19	77.61	GO	2.50	24.93	PA	4.19	26.64	MA	4.64	42.30	SP	2.28	21.70
MA	4.64	6.22	MA	4.64	22.00	PI	3.79	24.60	CE	3.73	15.99	PI	3.79	10.20
CE	3.73	2.29	PA	4.19	20.86	CE	3.73	8.30	SP	2.28	12.09	RJ	2.10	9.92
						TO	4.64	7.60	DF	2.37	6.09	PE	3.32	9.60
									PA	4.19	4.90			
Soma		86.11			67.79			67.14			81.37			51.42

1991														
UF Origem	TFT Origem	RN-2,96 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PB-3,22 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PE-3,08 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	AL-3,22 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	SE-2,97 Imigrantes (%)
PB	3.73	25.79	PE	3.32	25.43	SP	2.28	29.41	PE	3.32	40.97	BA	3.61	33.69
SP	2.28	15.76	SP	2.28	19.68	PB	3.73	15.08	SP	2.28	21.24	AL	4.04	20.91
CE	3.73	13.41	RJ	2.10	19.14	AL	4.04	12.71	BA	3.61	10.37	SP	2.28	17.43
RJ	2.10	12.09	RN	3.36	12.25	BA	3.61	10.78	SE	3.58	6.97	RJ	2.10	8.03
PE	3.32	9.35	CE	3.73	6.11	CE	3.73	7.53	RJ	2.10	6.34	PE	3.32	7.66
Soma		76.38			82.60			75.52			85.89			87.71

1991														
UF Origem	TFT Origem	BA-3,15 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MG-2,86 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	ES-3,04 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	RJ-2,47 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	SP-2,75 Imigrantes (%)
SP	2.28	30.57	SP	2.28	38.72	MG	2.67	38.54	MG	2.67	18.59	BA	3.61	18.40
PE	3.32	13.91	RJ	2.10	16.04	RJ	2.10	21.42	SP	2.28	12.09	MG	2.67	17.13
MG	2.67	10.11	GO	2.50	8.15	BA	3.61	17.97	PB	3.73	11.36	PR	2.61	15.58
RJ	2.10	8.09	BA	3.61	8.05	SP	2.28	7.80	CE	3.73	8.61	PE	3.32	11.93
SE	3.58	6.09	ES	2.76	7.44				BA	3.61	7.96	CE	3.73	6.58
Soma		68.76			78.40			85.73			58.61			69.61

1991														
UF Origem	TFT Origem	PR-2,56 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	SC-2,72 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	RS-2,71 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MS-3,09 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MT-3,17 Imigrantes (%)
SP	2.28	36.36	PR	2.61	48.35	SC	2.57	35.11	SP	2.28	33.96	PR	2.61	24.64
SC	2.57	18.05	RS	2.39	27.20	PR	2.61	23.86	PR	2.61	21.90	MS	2.94	12.85
RS	2.39	9.93	SP	2.28	11.08	SP	2.28	12.25	MT	3.15	11.33	SP	2.28	11.21
MT	3.15	9.24	RJ	2.10	3.30	RJ	2.10	6.69	RS	2.39	5.98	GO	2.50	9.88
RO	3.48	5.94										RO	3.48	8.35
Soma		79.52			89.94			77.90			73.16			66.94

1991						Conclusão	
UF Origem	TFT Origem	GO-3,28 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	DF-2,41 Imigrantes (%)		
DF	2.37	25.26	GO	2.50	13.95		
MG	2.67	12.56	MG	2.67	13.91		
TO	3.86	10.49	PI	3.79	11.74		
BA	3.61	10.34	BA	3.61	11.58		
SP	2.28	7.29	MA	4.64	8.46		
MT	3.15	5.92					
Soma		71.86			59.64		

Fonte - Censo Demográfico de 1991.

2000												Continua		
UF Origem	TFT Origem	RO-2,75 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	AC-2,90 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	AM-2,91 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	RR-2,91 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PA-2,90 Imigrantes (%)
MT	2.51	14.76	AM	3.40	37.08	PA	3.16	49.00	PA	3.16	29.80	MA	3.21	39.65
PR	2.31	10.47	RO	2.73	25.86	RO	2.73	6.76	MA	3.21	28.70	TO	2.93	8.65
SP	2.05	9.87	SP	2.05	4.83	MA	3.21	6.20	AM	3.40	18.24	AM	3.40	6.79
AM	3.40	8.84	MG	2.22	4.17	RJ	2.07	5.78	CE	2.84	2.78	SP	2.05	4.64
ES	2.16	8.60	PR	2.31	3.24	SP	2.05	4.48						
MG	2.22	7.77												
Soma		60.32			75.19			72.22			79.53			59.73

Fonte - Censo Demográfico de 2000.

2000														
UF Origem	TFT Origem	AP-3,61 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	TO-2,81 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MA-3,15 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PI-2,68 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	CE-2,52 Imigrantes (%)
PA	3.16	77.41	MA	3.21	26.17	PA	3.16	28.56	MA	3.21	31.30	SP	2.05	30.24
MA	3.21	10.86	PA	3.16	20.81	PI	2.66	17.92	SP	2.05	22.11	RJ	2.07	9.03
CE	2.84	1.21	GO	2.24	20.24	SP	2.05	9.04	CE	2.84	10.41	PI	2.66	8.53
						TO	2.93	6.61	DF	1.96	7.60	PE	2.48	7.76
									PA	3.16	4.29			
Soma		89.47			67.22			62.13			75.70			55.56

2000														
UF Origem	TFT Origem	RN-2,46 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PB-2,92 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	PE-2,68 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	AL-3,30 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	SE-2,70 Imigrantes (%)
SP	2.05	21.48	SP	2.05	25.56	SP	2.05	33.74	PE	2.48	32.83	BA	2.50	34.19
PB	2.53	18.57	PE	2.48	22.05	PB	2.53	12.23	SP	2.05	32.29	AL	3.14	22.25
RJ	2.07	12.70	RJ	2.07	15.58	AL	3.14	11.77	SE	2.75	8.39	SP	2.05	18.48
CE	2.84	11.35	RN	2.54	9.47	BA	2.50	10.89	BA	2.50	7.30	PE	2.48	5.86
PE	2.48	9.04	CE	2.84	5.48	RJ	2.07	6.35	RJ	2.07	5.04	RJ	2.07	5.85
Soma		73.14			78.15			74.98			85.85			86.63

2000														
UF Origem	TFT Origem	BA-2,83 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MG-2,50 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	ES-2,31 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	RJ-2,24 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	SP-2,42 Imigrantes (%)
SP	2.05	40.89	SP	2.05	44.50	MG	2.22	30.05	MG	2.22	15.52	BA	2.50	23.16
PE	2.48	9.34	RJ	2.07	12.96	BA	2.50	24.37	PB	2.53	13.44	MG	2.22	14.48
MG	2.22	8.11	BA	2.50	8.27	RJ	2.07	22.10	SP	2.05	13.39	PE	2.48	10.89
RJ	2.07	6.14	GO	2.24	7.06	SP	2.05	9.51	BA	2.50	9.37	PR	2.31	10.25
ES	2.16	5.97	ES	2.16	6.74				CE	2.84	8.22	CE	2.84	5.46
Soma		70.46			79.52			86.03			59.93			64.23

2000														
UF Origem	TFT Origem	PR-2,37 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	SC-2,26 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	RS-2,12 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MS-2,57 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	MT-2,61 Imigrantes (%)
SP	2.05	43.59	PR	2.31	40.69	SC	2.22	36.04	SP	2.05	36.57	PR	2.31	16.80
SC	2.22	18.18	RS	2.17	29.88	PR	2.31	19.60	PR	2.31	17.68	MS	2.40	12.79
RS	2.17	8.10	SP	2.05	13.47	SP	2.05	12.47	MT	2.51	13.06	RO	2.73	12.61
MS	2.40	6.45	RJ	2.07	2.97	RJ	2.07	7.45	RS	2.17	4.34	SP	2.05	12.20
MT	2.51	5.90										GO	2.24	11.00
Soma		82.22			87.02			75.56			71.64			65.39

2000						Conclusão		
UF Origem	TFT Origem	GO-2,79 Imigrantes (%)	UF Origem	TFT Origem	DF-1,87 Imigrantes (%)			
DF	1.96	28.30	GO	2.24	15.44			
TO	2.93	9.77	BA	2.50	12.31			
MG	2.22	8.93	MA	3.21	12.28			
BA	2.50	8.30	BA	2.50	12.31			
MA	3.21	8.17	PI	2.66	10.65			
SP	2.05	7.18						
Soma		70.65			63.00			

Fonte - Censo Demográfico de 2000.

Tabela B - Níveis médios de mortalidade, relação entre o nível médio de mulheres migrantes e não migrantes e o total, estimativa da esperança de vida ao nascer das duas categorias de mulheres. 2000

Continua

Grupos de Idade e Indicadores	Rondônia						Acre						Amapá					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	65.6	67.1	66.8	70.8	70.7	70.7	62.1	61.3	61.3	65.3	68.6	68.5	70.8	68.2	68.5	67.4	71.6	70.9
25 a 29	62.6	64.9	64.5	69.3	70.3	70.1	67	63	63.2	63	67	66.9	59.8	68.5	67.2	69.4	70.7	70.5
30 a 34	64.1	63.5	63.5	69.4	69.3	69.3	58.8	62.5	62.4	64.6	66.3	66.3	61	67.2	66.5	67	71.4	70.8
MÉDIA	64.1	65.2	64.9	69.8	70.1	70.0	62.6	62.3	62.3	64.3	67.3	67.2	63.9	68.0	67.4	67.9	71.2	70.7
Relação	0.987	1.004		0.997	1.001		1.005	0.999		0.956	1.001		0.948	1.008		0.960	1.007	
E0(Direto)			70.43			71.84			69.19			71.86			71.25			72.2
E0 (Estimado)	69.53	70.68		71.63	71.91		69.56	69.15		68.72	71.93		67.51	71.85		69.34	72.71	

Grupos de Idade e Indicadores	Amazonas						Roraima						Pará					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	65.2	66.7	66.7	67.43	70.1	70	64.3	67.1	66.6	74.3	73.4	73.6	59.8	65.3	64.9	67.4	69.1	69
25 a 29	59.9	65.2	65	72.7	69.8	69.9	60	68.6	66.3	70.6	71.3	71.1	61.3	63.6	63.4	66.1	69.1	69
30 a 34	60.4	65.1	65	69.1	68.9	68.9	62.5	65.4	64.8	67.8	68.4	68.3	58.4	62.4	62.2	64.6	67.6	67.5
MÉDIA	61.8	65.7	65.6	69.7	69.6	69.6	62.3	67.0	65.9	70.9	71.0	71.0	59.8	63.8	63.5	66.0	68.6	68.5
Relação	0.943	1.002		1.002	1.000		0.945	1.017		0.999	1.000		0.942	1.004		0.964	1.001	
E0(Direto)			68.61			72.59			68.32			70.04			71.03			72.88
E0 (Estimado)	64.70	68.71		72.74	72.59		64.55	69.49		69.94	70.07		66.93	71.33		70.26	72.99	

Grupos de Idade e Indicadores	Tocantins						Maranhão						Piauí					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	66.7	65.2	65.4	67.9	69.1	69	64.9	58.6	58.8	68.5	65.9	65.9	59.1	62.1	61.9	68.8	67.3	67.4
25 a 29	61.3	63.9	63.6	70	68.5	68.7	61	58.2	58.3	67.2	64.8	64.8	60.1	61.8	61.7	65.9	67.4	67.3
30 a 34	61.4	62.6	62.4	67.2	68.3	68.2	56.8	56.5	56.5	66.2	63	63	56.9	59.7	59.6	66.9	65.6	65.7
MÉDIA	63.1	63.9	63.8	68.4	68.6	68.6	60.9	57.8	57.9	67.3	64.6	64.6	58.7	61.2	61.1	67.2	66.8	66.8
Relação	0.990	1.002		0.996	1.000		1.052	0.998		1.042	1.000		0.961	1.002		1.006	1.000	
E0(Direto)			70.71			71.3			65.69			68.81			65.28			69.24
E0 (Estimado)	69.97	70.82		71.02	71.30		69.13	65.58		71.72	68.81		62.75	65.42		69.65	69.21	

Grupos de Idade e Indicadores	Ceará						Rio Grande do Norte						Paraíba					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	57.5	59.4	59.3	71.4	67.5	67.6	65.3	58.9	59.2	69.3	65.9	66.1	59.8	57.8	57.9	64.8	66.1	66.0
25 a 29	61.3	58.5	58.5	66.7	66.2	66.2	63.9	57.9	58.2	68.5	66.1	66.1	60.0	57.3	57.4	68.3	65.1	65.3
30 a 34	59.3	55.7	55.8	66.5	64.5	64.5	61.9	56.2	56.4	65.3	63.9	64.0	58.4	55.7	55.8	66.2	62.5	62.7
MÉDIA	59.4	57.9	57.9	68.2	66.1	66.1	63.7	57.7	57.9	67.7	65.3	65.4	59.4	56.9	57.0	66.4	64.6	64.7
Relação	1.026	1.000		1.032	0.999		1.100	0.995		1.035	0.998		1.041	0.998		1.027	0.998	
E0(Direto)			67.78			72.33			66.55			71.98			64.79			69.87
E0 (Estimado)	69.54	67.78		74.63	72.29		73.17	66.24		74.51	71.87		67.48	64.68		71.78	69.76	

Grupos de Idade e Indicadores	Pernambuco						Alagoas						Sergipe					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	59.1	58.8	58.8	68.8	66	66.1	61	54.3	54.5	67.5	61.7	61.7	61.9	59.5	59.6	64.7	66.4	66.3
25 a 29	58.9	58.4	58.4	65.5	65.6	65.6	54.9	53.5	53.5	68.1	61.3	61.4	60.2	58.5	58.6	66.7	65.8	65.8
30 a 34	55.4	56.7	56.6	65.2	63.1	63.1	51.4	52.7	52.6	65.3	58.9	59	57.5	58.6	58.6	67.2	64.1	64.2
MÉDIA	57.8	58.0	57.9	66.5	64.9	64.9	55.8	53.5	53.5	67.0	60.6	60.7	59.9	58.9	58.9	66.2	65.4	65.4
Relação	0.998	1.001		1.024	0.999		1.042	0.999		1.103	0.999		1.016	0.999		1.012	1.000	
E0(Direto)			64.25			69.05			63.28			67.93			66.42			71.97
E0 (Estimado)	64.10	64.29		70.72	69.01		65.92	63.24		74.94	67.86		67.47	66.34		72.81	71.97	

Grupos de Idade e Indicadores	Bahia						Minas Gerais						Espírito Santo					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	62.5	62	62	67.5	66.9	66.9	68.3	67.4	67.4	71.9	70.6	70.7	66.7	68	67.8	71.5	71.3	71.4
25 a 29	60.8	61.3	61.3	68.1	66.7	66.8	66.7	67.3	67.2	70.8	71	71	64.5	68.4	68	69.5	71.7	71.6
30 a 34	61	60.3	60.3	65.3	65.6	65.6	66.8	65.7	65.7	70.4	70.5	70.5	65.8	67.1	67	71.3	70.5	70.5
MÉDIA	61.4	61.2	61.2	67.0	66.4	66.4	67.3	66.8	66.8	71.0	70.7	70.7	65.7	67.8	67.6	70.8	71.2	71.2
Relação	1.004	1.000		1.008	0.999		1.007	1.000		1.004	1.000		0.971	1.003		0.994	1.000	
E0(Direto)			68.8			73.31			72.86			76.29			73.34			75.44
E0 (Estimado)	69.06	68.80		73.90	73.27		73.406	72.896		76.614	76.254		71.243	73.593		75.016	75.44	

Grupos de Idade e Indicadores	Rio de Janeiro						São Paulo						Paraná					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	65.5	68.9	68.7	70.6	71.3	71.2	67.1	69.7	69.4	71	72.5	72.3	68.6	67.9	67.9	72.7	71.4	71.5
25 a 29	65	68.2	68.1	70.9	71.9	71.9	63.6	69.2	68.7	69.7	72.5	72.3	67.8	67.6	67.6	72.3	71.5	71.5
30 a 34	64.3	67	66.9	69	71.3	71.2	61.6	67.7	67.4	69	72	71.8	66.6	66.1	66.1	71.7	71.5	71.5
MÉDIA	64.9	68.0	67.9	70.2	71.5	71.4	64.1	68.9	68.5	69.9	72.3	72.1	67.7	67.2	67.2	72.2	71.5	71.5
Relação	0.956	1.002		0.982	1.001		0.936	1.005		0.969	1.003		1.007	1.000		1.010	1.000	
E0(Direto)			72.6			75.53			74.14			76.66			72.9			75.11
E0 (Estimado)	69.43	72.74		74.19	75.60		69.38	74.54		74.29	76.87		73.41	72.90		75.88	75.07	

Grupos de Idade e Indicadores	Santa Catarina						Rio Grande do Sul						Mato Grosso do Sul					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	69.8	70	70	72.3	71.8	71.8	71	71.1	71.1	74.9	72.6	72.7	67.3	69.8	69.5	71.9	70.3	70.3
25 a 29	68.3	69.4	69.4	72.2	72.4	72.4	67.4	69.8	69.7	74.9	73.7	73.7	67.6	68.7	68.6	74	72.4	72.5
30 a 34	67.8	68.2	68.1	73.4	72.4	72.4	68.8	68.6	68.6	74	73.6	73.6	67	67	67	69.6	71.2	71.1
MÉDIA	68.6	69.2	69.2	72.6	72.2	72.2	69.1	69.8	69.8	74.6	73.3	73.3	67.3	68.5	68.4	71.8	71.3	71.3
Relação	0.992	1.000		1.006	1.000		0.989	1.000		1.017	1.000		0.984	1.002		1.007	1.000	
E0(Direto)			74.66			76.81			75.29			77.07			72.31			75.17
E0 (Estimado)	74.08	74.70		77.27	76.81		74.50	75.33		78.40	77.03		71.18	72.45		75.73	75.17	

Grupos de Idade e Indicadores	Mato Grosso						Goiás						Distrito Federal					
	1991			2000			1991			2000			1991			2000		
	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total	Mig	N.Mig	Total
20 a 24	67.5	67.5	67.5	71.1	70.6	70.6	64.8	69.2	68.7	70.6	71.6	71.4	68.1	70.8	69.9	69.5	74.1	73
25 a 29	66.7	67	66.9	70.9	71.4	71.4	66.3	68.8	68.5	71.8	71.3	71.3	66.1	70.5	69.7	70.1	74.2	73.4
30 a 34	65.5	65.5	65.5	69.9	70.2	70.2	64.4	66.3	66.2	68.3	71.1	70.9	64.2	67.8	67.4	70.9	72.5	72.4
MÉDIA	66.6	66.7	66.6	70.6	70.7	70.7	65.2	68.1	67.8	70.2	71.3	71.2	66.1	69.7	69.0	70.2	73.6	72.9
Relação	0.999	1.001		0.999	1.000		0.961	1.004		0.986	1.002		0.958	1.010		0.962	1.009	
E0(Direto)			70.75			74.89			72.28			74.74			72.62			77.58
E0 (Estimado)	70.68	70.79		74.78	74.89		69.47	72.60		73.73	74.88		69.60	73.36		74.64	78.29	

Conclusão

Tabela C - Entradas nas Unidades da Federação segundo a participação relativa dos principais estados de origem, esperança de vida ao nascer feminina do lugar de origem e das migrantes no lugar de destino. 1991 e 2000

1991												Continua		
UF Origem	e ₀ Origem	RO-69,5 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	AC-69,6 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	AM-64,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	RR-64,6 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PA-66,9 Imigrantes (%)
PR	72.90	18.41	AM	68.61	28.19	PA	71.03	43.52	MA	65.69	34.11	MA	65.69	40.05
ES	73.34	10.82	RO	70.43	28.01	CE	67.78	10.35	PA	71.03	20.23	TO	70.71	10.52
MT	70.75	9.26	SP	74.14	6.23	MA	65.69	7.28	AM	68.61	11.57	BA	68.80	6.03
AM	68.61	6.64	MT	70.75	4.90	AC	69.19	6.27	CE	67.78	7.96	CE	67.78	5.81
PA	71.03	4.59	PR	72.90	3.58	RO	70.43	3.90	RO	70.43	4.39	GO	72.28	5.25
Soma		49.71			70.91			71.32			78.26			67.68

Fonte - Censo Demográfico de 1991

1991														
UF Origem	e ₀ Origem	AP-67,5 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	TO-70,0 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MA-69,1 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PI-62,8 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	CE-69,5 Imigrantes (%)
PA	71.03	77.61	GO	72.28	24.93	PA	71.03	26.64	MA	65.69	42.30	SP	74.14	21.70
MA	65.69	6.22	MA	65.69	22.00	PI	65.28	24.60	CE	67.78	15.99	PI	65.28	10.20
CE	67.78	2.29	PA	71.03	20.86	CE	67.78	8.30	SP	74.14	12.09	RJ	72.60	9.92
						TO	65.69	7.60	DF	72.62	6.09	PE	64.25	9.60
									PA	71.03	4.90			
Soma		86.11			67.79			67.14			81.37			51.42

1991														
UF Origem	e ₀ Origem	RN-73,2 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PB-67,5 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PE-64,1 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	AL-65,9 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	SE-67,5 Imigrantes (%)
PB	64.79	25.79	PE	64.25	25.43	SP	74.14	29.41	PE	64.25	40.97	BA	68.80	33.69
SP	74.14	15.76	SP	74.14	19.68	PB	64.79	15.08	SP	74.14	21.24	AL	63.28	20.91
CE	67.78	13.41	RJ	72.60	19.14	AL	63.28	12.71	BA	68.80	10.37	SP	74.14	17.43
RJ	72.60	12.09	RN	66.55	12.25	BA	68.80	10.78	SE	66.42	6.97	RJ	72.60	8.03
PE	64.25	9.35	CE	67.78	6.11	CE	67.78	7.53	RJ	72.60	6.34	PE	64.25	7.66
Soma		76.38			82.60			75.52			85.89			87.71

1991														
UF Origem	e ₀ Origem	BA-69,1 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MG-73,4 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	ES-71,2 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	RJ-69,4 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	SP-69,4 Imigrantes (%)
SP	74.14	30.57	SP	74.14	38.72	MG	72.86	38.54	MG	72.86	18.59	BA	68.80	18.40
PE	64.25	13.91	RJ	72.60	16.04	RJ	72.60	21.42	SP	74.14	12.09	MG	72.86	17.13
MG	72.86	10.11	GO	72.28	8.15	BA	68.80	17.97	PB	64.79	11.36	PR	72.90	15.58
RJ	72.60	8.09	BA	68.80	8.05	SP	74.14	7.80	CE	67.78	8.61	PE	64.25	11.93
SE	66.42	6.09	ES	73.34	7.44				BA	68.80	7.96	CE	67.78	6.58
Soma		68.76			78.40			85.73			58.61			69.61

1991														
UF Origem	e ₀ Origem	PR-73,4 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	SC-74,1 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	RS-74,5 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MS-71,2 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MT-70,7 Imigrantes (%)
SP	74.14	36.36	PR	72.90	48.35	SC	74.66	35.11	SP	74.14	33.96	PR	72.90	24.64
SC	74.66	18.05	RS	75.29	27.20	PR	72.90	23.86	PR	72.90	21.90	MS	72.31	12.85
RS	75.29	9.93	SP	74.14	11.08	SP	74.14	12.25	MT	70.75	11.33	SP	74.14	11.21
MT	70.75	9.24	RJ	72.60	3.30	RJ	72.60	6.69	RS	75.29	5.98	GO	72.28	9.88
RO	70.43	5.94										RO	70.43	8.35
Soma		79.52			89.94			77.90			73.16			66.94

1991			Conclusão		
UF Origem	e ₀ Origem	GO-69,5 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	DF-69,6 Imigrantes (%)
DF	72.62	25.26	GO	72.28	13.95
MG	72.86	12.56	MG	72.86	13.91
TO	70.71	10.49	PI	65.28	11.74
BA	68.80	10.34	BA	68.80	11.58
SP	74.14	7.29	MA	65.69	8.46
MT	70.75	5.92			
Soma		71.86			59.64

Fonte - Censo Demográfico de 1991.

2000												Continua		
UF Origem	e ₀ Origem	RO-71,6 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	AC-68,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	AM-72,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	RR-69,9 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PA-70,3 Imigrantes (%)
MT	74.89	14.76	AM	72.59	37.08	PA	72.88	49.00	PA	72.88	29.80	MA	68.81	39.65
PR	75.11	10.47	RO	71.84	25.86	RO	71.84	6.76	MA	68.81	28.70	TO	71.30	8.65
SP	76.66	9.87	SP	76.66	4.83	MA	68.81	6.20	AM	72.59	18.24	AM	72.59	6.79
AM	72.59	8.84	MG	76.29	4.17	RJ	75.53	5.78	CE	72.33	2.78	SP	76.66	4.64
ES	75.44	8.60	PR	75.11	3.24	SP	76.66	4.48						
MG	76.29	7.77												
Soma		60.32			75.19			72.22			79.53			59.73

Fonte - Censo Demográfico de 2000.

2000														
UF Origem	e ₀ Origem	AP-69,3 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	TO-71,0 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MA-71,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PI-69,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	CE-74,6 Imigrantes (%)
PA	72.88	77.41	MA	68.81	26.17	PA	72.88	28.56	MA	68.81	31.30	SP	76.66	30.24
MA	68.81	10.86	PA	72.88	20.81	PI	69.24	17.92	SP	76.66	22.11	RJ	75.53	9.03
CE	72.33	1.21	GO	74.74	20.24	SP	76.66	9.04	CE	72.33	10.41	PI	69.24	8.53
						TO	71.30	6.61	DF	77.58	7.60	PE	69.05	7.76
									PA	72.88	4.29			
Soma		89.47			67.22			62.13			75.70			55.56

2000														
UF Origem	e ₀ Origem	RN-74,5 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PB-71,8 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	PE-70,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	AL-74,9 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	SE-72,8 Imigrantes (%)
SP	76.66	21.48	SP	76.66	25.56	SP	76.66	33.74	PE	69.05	32.83	BA	73.31	34.19
PB	69.87	18.57	PE	69.05	22.05	PB	69.87	12.23	SP	76.66	32.29	AL	67.93	22.25
RJ	75.53	12.70	RJ	75.53	15.58	AL	67.93	11.77	SE	71.97	8.39	SP	76.66	18.48
CE	72.33	11.35	RN	71.98	9.47	BA	73.31	10.89	BA	73.31	7.30	PE	69.05	5.86
PE	69.05	9.04	CE	72.33	5.48	RJ	75.53	6.35	RJ	75.53	5.04	RJ	75.53	5.85
Soma		73.14			78.15			74.98			85.85			86.63

2000														
UF Origem	e ₀ Origem	BA-73,9 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MG-76,6 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	ES-75,0 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	RJ-74,2 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	SP-74,3 Imigrantes (%)
SP	76.66	40.89	SP	76.66	44.50	MG	76.29	30.05	MG	76.29	15.52	BA	73.31	23.16
PE	69.05	9.34	RJ	75.53	12.96	BA	73.31	24.37	PB	69.87	13.44	MG	76.29	14.48
MG	76.29	8.11	BA	73.31	8.27	RJ	75.53	22.10	SP	76.66	13.39	PE	69.05	10.89
RJ	75.53	6.14	GO	74.74	7.06	SP	76.66	9.51	BA	73.31	9.37	PR	75.11	10.25
ES	75.44	5.97	ES	75.44	6.74				CE	72.33	8.22	CE	72.33	5.46
Soma		70.46			79.52			86.03			59.93			64.23

2000														
UF Origem	e ₀ Origem	PR-75,9 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	SC-77,3 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	RS-78,4 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MS-75,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	MT-74,8 Imigrantes (%)
SP	76.66	43.59	PR	75.11	40.69	SC	76.81	36.04	SP	76.66	36.57	PR	75.11	16.80
SC	76.81	18.18	RS	77.07	29.88	PR	75.11	19.60	PR	75.11	17.68	MS	75.17	12.79
RS	77.07	8.10	SP	76.66	13.47	SP	76.66	12.47	MT	74.89	13.06	RO	71.84	12.61
MS	75.17	6.45	RJ	75.53	2.97	RJ	75.53	7.45	RS	77.07	4.34	SP	76.66	12.20
MT	74.89	5.90										GO	74.74	11.00
Soma		82.22			87.02			75.56			71.64			65.39

2000						Conclusão	
UF Origem	e ₀ Origem	GO-73,7 Imigrantes (%)	UF Origem	e ₀ Origem	DF-74,6 Imigrantes (%)		
DF	77.58	28.30	GO	74.74	15.44		
TO	71.30	9.77	BA	73.31	12.31		
MG	76.29	8.93	MA	68.81	12.28		
BA	73.31	8.30	BA	76.29	12.31		
MA	68.81	8.17	PI	69.24	10.65		
SP	76.66	7.18					
Soma		70.65			63.00		

Fonte - Censo Demográfico de 2000.